

ESPECIAL:
EDUCAÇÃO ADVENTISTA

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Junho/1986



A RÁDIO, Um Enorme Desafio

«Portanto, ide, ensinaí todas as nações, ...ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado.» — Mat. 28:19-20.

Como é tradicional, dia 14 será levantada uma oferta para o trabalho através da Rádio.

1986 ficará como um marco em matéria de rádio na nossa obra em Portugal. Surgiu a oportunidade da nossa igreja ter uma (ou mais) emissora própria. Toda a nossa filosofia, a nossa fé, poderá, finalmente, ser conhecida por milhares de pessoas ao mesmo tempo, facilmente, comodamente.

No final do mês de Maio, quatro emissoras, pertença da organização ou propriedade de irmãos nossos, estarão já a emitir: Lisboa, «Rádio Um», 99.5 MHz; Caldas da Rainha, «Antena 7» 107 MHz; Tomar, «Rádio 2300», 103 MHz; Viséu, ainda em testes. Todas emitindo em Frequência Modulada.

Brevemente, estamos certos, Porto, Coimbra, Algarve, Vila Real de Trás-os-Montes, neste momento com projectos em diferentes fases de elaboração, iniciarão, também as suas emissões.

Estes factos são realidades. É de realidades que desejo falar. Mas também, se me permitirem, de projectos do futuro. Um desafio. Maravilhoso. Responsável.

Realidade são já as quatro emissoras que, de uma forma ou de outra, são indicadores do que é ser adventista, mas, também, cidadão e português em 1986. Realidade são também os programas que falam de Cristo, da nossa fé, da salvação gratuita que o Senhor nos oferece. Mas também são os programas de saúde, cultura, família, arte, informação, música, que à sua maneira apresentam ideias, visões, nem sempre perceptíveis no vaivém da vida.

Realidade é também uma

equipa de cerca de 40 jovens e adultos, que voluntariamente ocupam os seus tempos livres fazendo rádio. Uma maneira diferente de estar ocupado. Diria, de viver, hoje, como Cristo, a vida na sociedade em que nos inserimos.

No que respeita ao futuro, direi que os projectos são imensos. Essencialmente, como Adventistas, deveríamos cobrir Lisboa, Porto e Coimbra. Se possível, outras zonas. A situação actual aponta-nos já nesse sentido. O futuro depende de todos, como membros e participantes desta Igreja que formamos. As instalações, o material técnico e humano só poderão ser encontrados se todos nos unirmos.

Depende tudo do nosso desejo de colaborar, humana e materialmente. Porque não fazer um plano nessa área? Prover uma colaboração que daria lugar à aquisição do material e subsequente instalação de novas instalações de rádio de filosofia adventista. Isto é um desafio. Maravilhoso. Empolgante. Alguns irmãos já responderam. Algumas das emissoras estão instaladas em casas cedidas por irmãos. A aparelhagem em alguns casos (a maioria) foi comprada e oferecida à igreja por outros irmãos. Porque não seguimos esta onda que nos levará ao triunfo deste meio que o Senhor nos ofereceu?

Diria que é um desafio, porque implica uma participação efectiva de todos, como povo, sem qualquer distinção. Também, porque a rádio é por essência um desafio, uma aventura de fé. É a personificação da confiança no amanhã, no desconhecido. A criatividade, a filosofia de uma rádio adventista implica uma entrega total de cada um de nós, no nosso todo.

Maravilhoso, porque é a nossa visão das coisas, da vida, do mundo, diametralmente oposta à corrente, proporcionando-nos uma cor, experiên-

cia e sabor difíceis de encontrar noutra local.

Responsável porque é um projecto global para o mundo, para o nosso ser. Porque como emissora de filosofia adventista, a nossa maneira de estar teria que ser evidenciada, necessariamente diferente. Daí a responsabilidade.

É aqui que importa avaliar o papel e a razão de ser de uma rádio adventista. Impõe-se como necessária, porque a nossa visão do mundo e a nossa fé têm características próprias. Aspectos diferenciados mantêm a individualização e personalização da rádio adventista, nos mais díspares aspectos do viver humano.

O objectivo expressa-se através da transmissão da mensagem, em sentido restrito e em sentido lato. No primeiro caso, como meio de divulgar a nossa fé, sua especificidade em relação aos outros. Em sentido alargado, está implícito todo o modo de estar na sociedade que caracteriza o adventista.

Assim sendo, uma rádio adventista é uma rádio séria, cristã, formativa, evangélica, mas, também, cultural e musical. Uma estação que deseja atingir a criança, o jovem e o menos jovem. Enfim, que desejaria chegar a todos.

Eis a proposta. A concretização depende de si. Direi apenas que o nosso futuro como Igreja dinâmica, evangelizadora, participativa depende de si, do modo como responder a este artigo, a este apelo.

Se desejar participar em algo de válido, evangelizador, com influência social, através da «sua» igreja, chegou a hora. Não perca a oportunidade.

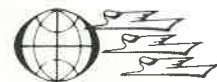
A sua resposta pode ser dada na igreja, dia 14, na recolha da oferta do Culto. Poderá também ser enviada para a Voz da Esperança ou para a União com a indicação expressa OFERTA PARA A VOZ DA ESPERANÇA.

Lembre-se que dez milhões de portugueses esperam pela sua oferta. Que o Senhor o ajude!

Em nome de toda a equipa da V. E. e das Rádios Locais adventistas,

Paulo Morgado

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Junho 1986
Ano XLVI • N.º 477

DIRECTOR:
J. Morgado

REDACTORA:
M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:
Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:
Assinatura Anual 550\$00
Número Avulso 55\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 A Rádio, um enorme desafio
Por Paulo Morgado
- 3 Educação Adventista
Por J. Morgado
- 4 Maravilhoso Jesus!
Maravilhoso Professor!
Por G. E. Garne
- 7 Invistamos na Educação Adventista
Por F. R. Stephan
- 9 Escola do Funchal
Por Lurdes Carvalho
- 10 A Verdadeira Educação
Por E. G. White
- 12 Que representa uma criança?
Por Raul Posse
- 14 Dez anos ao serviço da Educação
Por Samuel Grave
- 16 Educação Adventista
Por Daniel Scaron
- 17 Uma Escola diferente
Entrevista
- 19 Educar para a Eternidade
Por Maria del Carmen Braná
- 21 Curso de Doutrina
Por Ernesto Ferreira
- 22 Escola de Coimbra
Por Eduardo Graça
- 23 Princípios para o ensino religioso
Por Loida Gimenez
- 25 Escola de Setúbal
Por Cipriano Baptista
- 26 Externato Adventista de Santarém
Por Alberto Nunes
- 27 Cinco anos de mudanças na Educação Adventista
Por Charles R. Taylor

Educação Adventista

Este número da Revista Adventista é dedicado à Educação.

Desde os seus primórdios, a Igreja Adventista tem dedicado uma importância muito especial à educação, a qual, de acordo com as instruções divinas, deve ter um lugar por excelência no Lar. É ali que se começam a formar os futuros cidadãos do Céu. E o plano ideal seria que as crianças encontrassem em casa, pelo menos, uma mãe que cuidasse de encaminhar as suas mentes, os seus actos, e as suas palavras para o Salvador, e para a contemplação daquilo que nos cerca, obra admirável do Criador.

No entanto, hoje, tendo sido a sociedade organizada doutra maneira, teremos que nos adaptar, de modo a tirar o melhor proveito possível. Aquilo que os pais deveriam fazer cada dia, cada hora, está resumido a umas breves horas diárias, normalmente à noite, quando todos, fatigados, regressam de um dia de trabalho fora. Quão difícil é, naquelas poucas horas, exercer uma influência salutar, quando há outras coisas, como por exemplo a TV, que nos obriga a malbaratar o tempo e exerce influência perniciosa sobre a criança. Mas, pelo menos, que a família tenha nessa altura alguns momentos unidos. Os fins de semana, normalmente tão sobrecarregados, deveriam, na medida do possível, ser aproveitados para o encontro familiar. A noite de Sexta-feira, o Sábado e o serão de Sábado deveriam ser usados para se exercer uma acção

salutar junto dos filhos, acção essa que substituiria, talvez não completamente, aquela acção que deveria exercer-se, calmamente, dia após dia.

As Sagradas Escrituras convidam-nos a cuidar especialmente da criança, pois as influências recebidas naquela época da vida perdurarão para sempre.

As exigências da vida moderna levam muitos pais a deixar os seus filhos entregues aos cuidados de outros até atingirem a idade escolar. Normalmente, se esses são, por exemplo, uns avós crentes, poderão ajudar na formação da criança, mas o mais perigoso é quando são entregues ao cuidado de pessoas cujos princípios religiosos as não recomendam.

Creio que a igreja e os pais deveriam fazer um esforço para que nos lugares onde for possível — e são vários — se procure organizar Jardins de Infância, Infantários ou simplesmente Centros de Ocupação dos Tempos Livres das Crianças, com actividades na igreja. Aquilo que os pais estão dispostos a pagar noutro lado, fá-lo-iam na própria igreja. Há sempre irmãs com idoneidade que poderiam colaborar em tais projectos.

A acção da igreja nestes campos tem tardado a desenvolver-se, mas creio que urge tomarmos medidas imediatas. Se queremos ter amanhã uma juventude sólida na igreja, teremos que os preparar hoje. Não podemos deixar ao acaso os resultados positivos que

precisamos de obter. É necessário planificar, sacrificar, para que os resultados possam ser positivos. Os pais, juntamente com os conselhos das igrejas, deveriam estudar seriamente o problema.

E se não é possível, organizar qualquer das actividades propostas, que, pelo menos, se organize uma Escola Bíblica, com uma aula semanal, a fim de que as nossas crianças possam ali receber uma influência religiosa que contrabalance a influência perniciosa das escolas públicas.

A Igreja mantém já várias escolas primárias e secundárias em funcionamento. Em Oliveira do Douro, temos um internato que permite aos alunos de longe seguirem os seus estudos numa escola adventista. Isso, por vezes, exige sacrifícios, mas tais sacrifícios darão dividendos durante toda a vida e mesmo para a eternidade.

Deus colocou nas nossas mãos um tesouro extraordinário, do qual nós, individualmente e como igreja, teremos de dar contas, um dia. Façamos, agora, tudo o que é possível para cumprir o plano divino.

J. Morgado

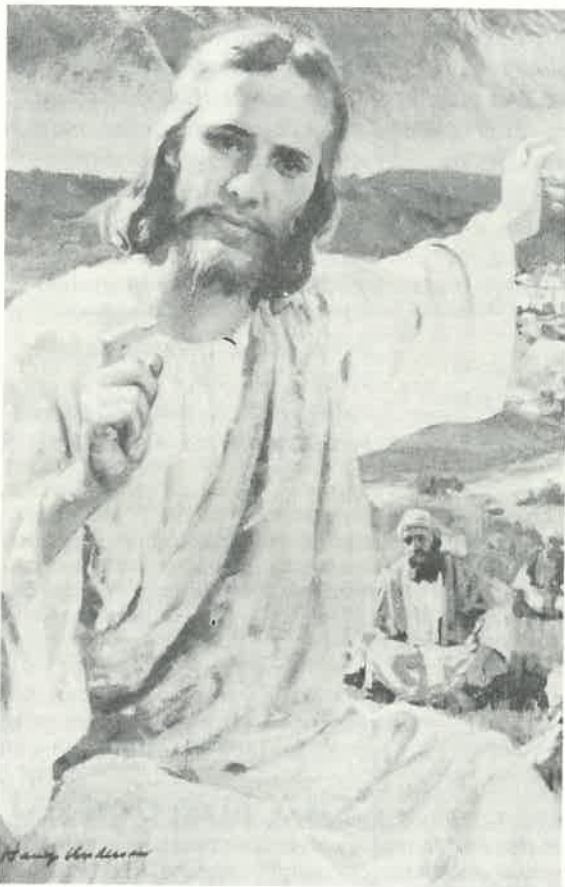
**7 de Junho
1986**

**DIA NACIONAL
DE
BAPTISMOS**

- Cerimónias baptismais
- Candidatos de todas as Igrejas e Grupos

Maravilhoso Jesus! Maravilhoso Professor!

Se hoje tomarmos tempo para nos sentarmos aos pés de Jesus e ouvir a Sua voz, haveremos de ter a satisfação de saber que Ele está a par das nossas necessidades.



«Nunca homem algum falou com este homem», tal foi o relato dos oficiais enviados pelos fariseus para prenderem Jesus (João 7:46). É que, em vez de O prenderem, foi Ele que os prendeu.

Que se passava com o ensino do Salvador, que faz d'Ele o mais notável professor que o mundo já conheceu? Exceptuando os estudantes de História e Filosofia, poucas são as pessoas que fazem um esforço para estudar Sócrates, Aristóteles, Platão, e outros grandes mestres da Antiguidade. Todavia, milhões de pessoas, incluindo tanto os mais brilhantes pensadores como o povo comum, continuam a estudar os ensinamentos de Jesus com inalterável interesse. Porquê? Que é que dá ao seu ensino um valor tão intemporal? Qualquer professor de crianças, jovens ou adultos faria bem em estudar o exemplo de Cristo como professor. Isto aplica-se a *todos* nós, porque, em certo sentido, todos somos professores, quer sejamos pastores, pais, executivos, financeiros, jornalistas, ou seja o que for. Dia após dia, convivemos com muitas pessoas que acabamos por influenciar. Se acha que é um fracasso como professor, pare para reflectir sobre o Mestre dos mestres. Tal estudo vai certamente transformar o seu fracasso em êxito. Se, pelo contrário, está tendo êxito na nobre arte de influenciar as mentes humanas, estude, do mesmo modo, as técnicas de ensino de Cristo. Vai ver que, se o fizer, será ainda melhor professor.

Ao começar o estudo dos métodos do Mestre dos mestres, considere em primeiro lugar, o impacto da vida que vai examinar. Desde o momento em que Jesus começou o Seu ministério público, no Seu baptismo, até ao tempo em que o Seu ministério terrestre terminou, na ascensão, Ele apenas esteve com o Seu pequeno grupo de seguidores três anos e meio. Contudo, durante aquele breve período, instruiu-os, inspirou-os, comissionou-os, treinou-os, motivou-os e galvanizou-os de modo a tornarem-se uma força de combate para levar o Evangelho do Seu Reino a todo o mundo e, através dele, transformarem o curso da história humana.

O impacto da vida de Cristo

Se deseja ser impressionado e ver quão breve espaço de tempo este é, pense nos últimos três anos e meio da sua vida e lembre-se de quão depressa eles passaram. Que realizou o prezado leitor nestes últimos três anos e meio? Qual foi o impacto da sua vida? Quando olhamos para a vida de Jesus, sem dúvida que estamos olhando para a vida de um Deus-homem, porque, se este artigo tivesse 100 000 leitores e se se pudesse contar a influência das suas vidas individuais durante os últimos três anos e meio e juntá-las numa só vida, a influência da vida de

G. E. GARNE

G. E. GARNE

Editor da *Signs Publishing Company*, da Austrália.

Cristo seria ainda maior do que essas 100 000 vidas juntas. Na verdade, se cada alma que vive na Terra, neste momento, repetisse a mesma experiência, a influência da vida de Cristo seria ainda maior do que a desses quatro bilhões de vidas juntas.

Quais foram as técnicas do êxito do Mestre dos mestres? No fim do sermão de Cristo, no Monte das Bem-aventuranças, o repórter escreveu o seguinte relato: «E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina, porquanto os ensinava como tendo autoridade» (Mat. 7:28, 29).

Eis-nos confrontados com o primeiro elemento do Seu êxito: Ele *falava com autoridade*. Quer se seja professor de história, de matemática, de biologia ou de religião, o primeiro requisito essencial para o êxito é ser capaz de falar com autoridade. Quanto maior for a autoridade com que falar, maior será o impacto e a influência do seu ensino. Que é que dá a alguém tal autoridade? Um conhecimento íntimo, pessoal, em primeira mão, do seu assunto. Tomai como exemplo a cirurgia. Quem seria capaz de dar a mais autorizada lição sobre cirurgia — uma pessoa que tivesse lido o relato de 1 000 operações cirúrgicas coroadas de êxito, ou alguém que tivesse feito com êxito, ele próprio, 100 operações? Aplicai o mesmo princípio à jardinagem, à arte, à fotografia ou a qualquer outro campo. Aqui está o segredo do ensino de Cristo. Quando falava de Deus às multidões, não lhes dizia o que lera num livro, mas falava de Alguém que pessoalmente conhecia e amava.

Autoridade, simplicidade e amor — eis os traços distintivos do Ensino de Jesus

Quando Jesus falava de vitória, não teorizava. Ele tivera que enfrentar o demônio, e tinha-o vencido. Ele sabia do que falava, quando falava de vitória sobre o pecado. Aquele, para quem o pecado era absolutamente horrendo porque Ele era absolutamente sem pecado, tivera de expulsar a sugestão de pecado do tentador com as palavras «Está escrito». Ele fora exposto a um confronto directo com o Seu archi-inimigo (ver Mateus 4:1-11).

Quando Jesus falou aos Seus ouvintes sobre a oração, estava partilhando com eles os segredos do Seu próprio coração, e não apenas falando de algo acerca do qual tivesse lido numa biblioteca. Ele sabia o que era passar noites em comunhão com Deus. Sabia que, quando orava, Deus ouvia-O e respondia-Lhe. Podia apresentar Deus ao povo como o Pai e muitas vezes abria-Lhe o Seu coração tão simples e implicitamente como uma criança o faz com os seus pais. Esse era o segredo do Seu poder. Jesus falava com autoridade, a autoridade que vem da experiência pessoal.

Hoje, a maior necessidade do mundo, no que respeita às coisas do Reino de Deus, é da mesma espécie de autoridade que Cristo tinha. O mundo nunca se convencerá das sagradas verdades que os cristãos defendem e pregam até que os que professam crer no evangelho não deixem de usar tais trivialidades como «Com toda a probabilidade isto deve ter acontecido deste modo» e não estremeçam o mundo arrojadamente, sem medo, com um «Assim diz o Senhor»

Um pregador desanimado perguntou certo dia a um conhecido e importante actor por que razão ele não era capaz de atrair o povo para a igreja, enquanto que ele, actor, parecia não ter qualquer dificuldade em atrair grandes multidões. O actor deu a seguinte e significativa resposta: «É que eu falo de coisas *imaginárias* como se elas fossem *reais*. E o senhor fala de coisas *reais* como se elas fossem *imaginárias*.» Jesus ensinava com autoridade, porque as coisas de que falava eram reais para Ele. A chave de uma tal autoridade no nosso testemunho está em conhecer a Deus — pois conhecê-Lo é a vida eterna — e a Jesus Cristo, a quem Ele enviou (João 17:3).

O segundo elemento distintivo do ensino de Jesus, que nos impressiona, é a *simplicidade*. Demasiado frequentemente, os modernos pregadores têm a misteriosa habilidade de tornar complicado aquilo que é simples, em vez de simplificarem o que é complicado. O Grande Professor não tornava confuso o plano da salvação, com jargão teológico. Ele apresentava Deus como o nosso Pai. Comparava as coisas que pertenciam ao Reino de Deus com as coisas comuns, da vida de todos os dias. As coisas invisíveis, explicava-as Ele através das coisas que podemos ver; as intangíveis, pelas que podemos compreender.

Jesus comparou a obra do Espírito Santo com o vento, que não podemos ver, mas cujos resultados podemos ver. Assemelhou a obra da graça divina no coração humano ao fermento numa massa de farinha, o qual trabalha silenciosamente, imperceptível e gradualmente, e contudo trabalha através de toda a massa e a fundo. Comparou o efeito do evangelho na vida humana à semente lançada no solo, que germina e cresce invisivelmente, mas certamente e, eventualmente, dá fruto, o qual produz alegria nos corações dos que são por ele abençoados. Ele assemelhava a influência do filho de Deus no mundo ao sal, do qual basta uma pequena porção para dar sabor a uma grande quantidade. Comparava a nossa união com Ele à relação que os ramos têm com a videira. «Tudo isto disse Jesus por parábolas à multidão, e nada lhes falava sem parábolas» (Mateus 13:34). Não admira que o relato diga que «a multidão O ouvia de boa vontade» (Marcos 12:37).

Tomou o povo onde o encontrou

Os sábios dos Seus dias estavam tão ocupados a disputar sobre ninharias e a discutir sobre mistérios

imponderáveis que as pessoas comuns não podiam compreender onde eles queriam chegar. Jesus trouxe as coisas do Céu até ao nível do povo. Tomou o povo onde o encontrou e guiou-o, degrauiu por degrauiu, até à presença do Rei dos reis. Este deve ser o método daqueles que ocupam a mesma posição que Cristo ocupou frente a uma geração materialista e descrente, a quem procuram dar as salvadoras verdades do evangelho. Ele abençoará com êxito todos os que seguirem as Suas pegadas.

O terceiro ponto essencial no Ensino, com letra maiúscula, e que foi revelado no ministério de Cristo, é *amor genuíno por aqueles a quem ensinava*. O relato bíblico diz d'Ele que, «vendo a multidão, teve grande compaixão deles» (Mateus 9:36). Esta compaixão não é mera simpatia sentimental, mas uma prontidão e desejo de se indentificar com o povo nas suas necessidades. Para Jesus, o povo não eram apenas números; eram indivíduos. Cada um deles era pessoalmente precioso e importante. Ele dedicava a uma audiência de uma só alma a mesma atenção que dedicava a vastas multidões.

O evangelho de João dá especial relevo a estas audiências particulares, que mostram como o Professor dos professores lidava com o povo:

- No capítulo 1, a entrevista com Natanael
- No capítulo 3, a entrevista com Nicodemos
- No capítulo 4, a entrevista com a mulher samaritana
- No capítulo 5, a entrevista com o paralítico
- No capítulo 8, a entrevista com a adúltera
- No capítulo 9, a entrevista com o cego
- No capítulo 11, a entrevista com os Seus amigos de Betânia
- No capítulo 12, a entrevista com Maria, em casa de Simão
- Nos capítulos 13-17, a Sua longa audiência com os doze no serviço da comunhão
- Nos capítulos 18 e 19, a entrevista com Pilatos
- No capítulo 20, o Seu contacto pessoal com Maria Madalena, após a Sua ressurreição.
- No capítulo 21, a Sua entrevista com Pedro.

Se se tomar tempo para considerar cada um destes contactos e entrevistas pessoais, o nosso coração será reconfortado ao descobirmos, em cada caso, terno amor, compaixão e compreensão, e a paciência que Jesus demonstrava para com cada um individualmente. Mais do que isso, descobrir-nos-emos a nós próprios em cada pessoa entrevistada. Vereis Natanael, Nicodemos, a mulher junto ao poço de Jacob, o paralítico, a mulher pecadora, o cego, Maria e Marta, Maria Madalena e Pedro, reflexo de vós próprios e das vossas necessidades. De súbito, encontrar-vos-eis na presença do Mestre dos mestres. Ele está falando consigo, dizendo, como disse a Nicodemos: «Tens de nascer de novo»; como falou à mulher apanhada em adultério: «também eu não te condeno: vai, não peques mais»; como falou a Pedro: «Amas-me?... Segue-me».

Vós e Jesus estais juntos, sozinhos. Ao sentar-se com Ele junto ao poço de Jacob, Ele o guiará de uma humilhante revelação de nudez da sua alma até às nascentes da água viva; participar dessa água significa perder o gosto e a sede pelas águas de qualquer outra nascente. Junto com a samaritana, há-de exclamar: «Vinde, vede um homem que me disse tudo o que tenho feito: Porventura não é este o Cristo?» (João 4:29).

Ao se sentar com Ele durante uma única hora, saberá que Aquele que tão graciosa e ternamente ensinou os Seus nos dias da antiguidade, ainda ensina todos os que tomam tempo para se sentarem aos Seus pés e ouvir a Sua voz. Sentir-se-á satisfeito por saber que Ele está tão intimamente a par das suas necessidades individuais — e que Ele está pronto e é capaz de prover aquilo de que precisa, de maneira abundante e perfeita.

Maravilhoso Jesus! Maravilhoso Professor! □

VOZ DA ESPERANÇA

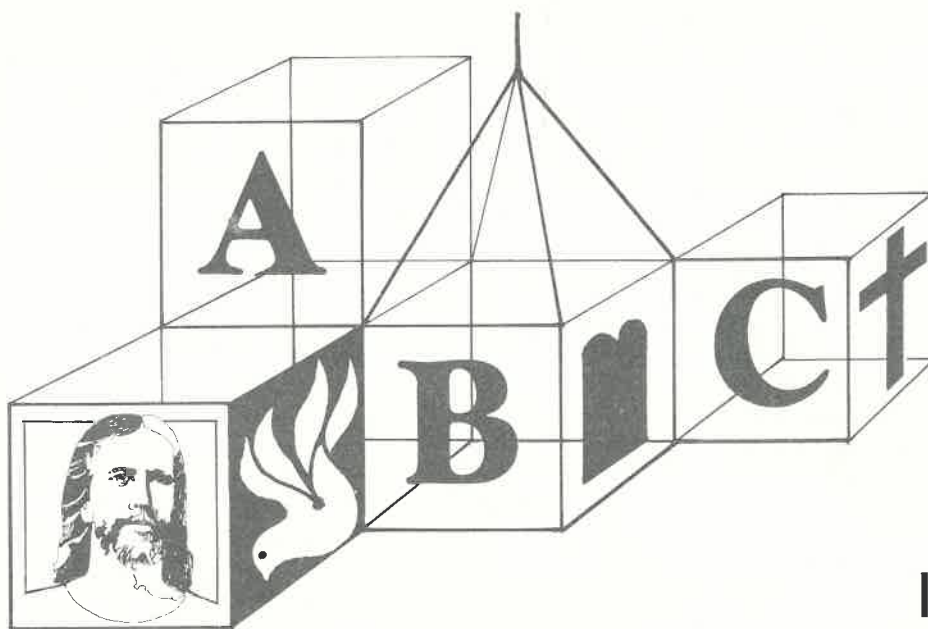
Programas Semanais através da Rádio:



PROGRAMA ESPECIAL

RÁDIO UM FM 99.5 MHz

10 — 13 Horas	} — De Segunda a Sexta-feira
15 — 18 Horas	
20.30 — 24 Horas	} — Sábado e Domingo
15 — 24 Horas	



Invistamos na Educação Adventista

Vivemos num mundo de mudanças constantes, numa sociedade que passou da época industrial para a era das comunicações. Qual foi e qual será o impacto disso no domínio da educação? Embora haja algumas influências que podemos indentificar facilmente, outras são mais difíceis de prever.

Todavia, há coisas que não mudam: o nosso Deus, a necessidade humana de amor, fé e esperança, e a relidade de que Jesus em breve virá.

Ao nos encontrarmos no limiar de uma nova era do ensino, procurando uma visão mais ampla de um mundo cada vez mais pequeno, há certos alvos e objectivos que não devemos perder de vista.

Que dizer do futuro da educação adventista?

«Nada temos a recear no futuro, a não ser que nos esqueçamos do caminho pelo qual Deus nos conduziu.»¹

Podemos afirmar que o futuro da educação está nas mãos da

igreja — está nas nossas mãos — para crescer, desenvolver-se e progredir de harmonia com os desígnios de Deus. Estamos perante um futuro luminoso, cheio de promessas. A verdadeira educação cristã tem como objectivo preparar, em cooperação como o Espírito Santo, as pessoas que levarão a cabo a terminação da obra de Deus.

Investindo na educação cristã, receberemos dividendos. A igreja não pode arriscar o seu futuro por considerar a educação cristã cara. O nosso investimento é em recursos humanos, que são mais duradouros e proveitosos do que as acções capitalistas ou o bens materiais. Ao fazer tal investimento, não devemos perguntar-nos: «É demasiado?», mas sim: «Será o suficiente?»

Os problemas e as dificuldades, sempre crescentes da nossa sociedade levam-nos a reconsiderar a importância da educação. A oportunidade de uma formação académica completa deve estar ao alcance de todo o indivíduo. Professores, administradores, pais e alunos, devem unir os seus esforços para determinar o nosso desti-

no comum. A igreja tem de ter em mente que o assunto da educação não diz respeito apenas aos governos das nações. É algo de significativo, que toca a Denominação, e que continuará a constituir um desafio para nós no futuro. Com o auxílio divino, temos de buscar a solução desta problemática.

São de ter em conta muitas das recomendações dos especialistas do mundo. Outras, pelo contrário, não dão bons resultados. A educação cristã não deve interessar-se ou preocupar-se muito com as tendências do mundo profano. Se algumas dessas tendências podem, eventualmente, ter trazido alguma contribuição, nenhuma delas foi capaz de tocar no coração da educação, que é: «Restaurar o homem à imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação.»²

«O êxito na educação depende da fidelidade em executar o plano do Criador.»³

Estas palavras são um desafio para a Igreja Adventista, voltada para o futuro. Vejamos, em alguns

F. R. STEPHAN

Director-adjunto do Departamento de Educação da Conferência Geral e director educacional da Divisão Norte-Americana.

itens, qual a missão da igreja a este respeito e qual o impacto que a educação deve produzir.

1. A educação adventista deve ser *diferente* e *única*. A sua ênfase central deve ser a Bíblia e o serviço ao próximo, tendo como objectivo ajudar a igreja e terminar a obra de Deus. Isto começa por educadores que perguntem: «Que podemos nós *dar* à igreja?», e não: «Que podemos nós aproveitar dela?»

Para cumprir este objectivo, a Igreja Adventista deve ensinar a viver uma experiência pessoal. As crianças e os jovens precisam de ter uma experiência pessoal com a oração e compreender a sua importância e significado na vida espiritual.

A educação adventista deve perpetuar um estilo de vida não permissivo, que ensine a auto-estima e a autodisciplina. O significado da igreja, a sua história e a sua missão devem ser claramente compreendidos. Os alunos devem aprender que é possível obter a salvação através de Jesus Cristo e que estas «boas novas» devem ser partilhadas.

2. *O desenvolvimento do carácter* é uma preocupação primordial e o objectivo central da educação cristã. Provavelmente, Ellen White pode dizer mais sobre este assunto do que qualquer especialista em educação. O desenvolvimento do carácter deve fazer parte do currículo e deve ser exemplificado pelos próprios educadores. Um conhecimento sem valores pode encontrar-se em livros e enciclopédias. Uma informação sem motivação pode encontrar-se nos ecrãs dos computadores.

As crianças e jovens não assimilam os valores da experiência cristã simplesmente por ouvirem palavras tais como *amor*, *justiça* e *verdade*, ou por aprenderem a sua definição. Eles aprendem atitudes, hábitos e valores através de relações pessoais com as suas famílias e colegas. Incorporarão os princípios éticos nas suas vidas apenas por imitarem pessoas que praticam a ética. Os estudantes de

uma escola adventista têm de ser ensinados a tomar posições na vida e a não ficarem indiferentes a tudo.

A educação adventista deve preparar pessoas que desenvolvam a capacidade de pensar e de actuar.

«Uma educação assim provê mais do que disciplina mental; provê mais do que adestramento físico. Fortalece o carácter de modo que a verdade e a rectidão não são sacrificadas ao desejo egoísta ou ambição mundana. Fortifica a mente contra o mal... Ao meditar-se sobre a perfeição, todo o motivo e desejo é posto em harmonia com os grandes princípios do que é recto.»⁴

Todo o educador adventista deveria estudar as páginas 225-271 do livro *Educação*, que falam da educação e do carácter. A relação íntima entre o desenvolvimento do carácter, a fé e a oração, a observância do Sábado, o desenvolvimento de capacidades sociais, a escolha da profissão, e do estilo de vida estão magistralmente apresentados nessas páginas.



3. Pesquisas e estatísticas levadas a efeito demonstraram que os pais adventistas desejam que os seus filhos sejam intruídos em *atitudes e princípios morais*; têm muito interesse no ambiente espiritual das escolas adventistas e no grau de compromisso que os mestres e professores mostram em relação aos ditos princípios.

Tem de fazer-se um maior esforço para prover esta espécie de experiência. Desse modo, os estudantes de tais escolas serão a imagem viva do que constitui a educação adventista.

Outra consideração extrema-

mente importante é a espécie de pessoas que queremos que os nossos filhos venham a ser. Não se pode escolher a cor dos olhos, nem da pele, nem o tipo de cabelo, nem qualquer outro traço físico, mas podemos determinar a espécie de pessoas que muitos estudantes hão-de ser. O traço mais importante da educação é o grande poder de transformação que ela contém em si.

Talvez que a grande falha da educação seja que se tem dado maior valor ao que o indivíduo tem ou não tem, em vez de que ele/ela é. O respeito pelo indivíduo é a primeira lição a ser aprendida.

4. Há outro importante ponto ao qual, em educação, se deve dar atenção especial. De alguma maneira, temos de comunicar à nossa comunidade adventista que *dar atenção às necessidades do aluno* é mais importante do que manter uma imagem institucional perfeita. Os regulamentos e a disciplina não foram feitos para manter a imagem da escola, mas sim para ensinar as crianças e jovens a viverem de harmonia com Deus e com o seu próximo.

«Há por toda a parte a tendência de substituir pela obra de organizações o esforço individual»⁵

Muitos indivíduos foram absorvidos pelo trabalho, tornaram-se insensíveis e perderam o amor a Deus e, muitas vezes, perderam até os sentimentos humanos. Ser um obreiro no campo da educação é um privilégio que exige grandes responsabilidades, mas oferece grandes recompensas. O professor cristão pode ajudar o estudante a encontrar a Deus, a descobrir os tesouros da Sua graça e as inestimáveis riquezas de Cristo. Esta experiência não acontece por acaso. Para realizá-la, requer-se uma vida santificada, cujos frutos se manifestem em cada transacção e em todas as relações sociais. Os educadores adventistas devem dirigir-se aos seus alunos mais como «alunos para o céu» do que meros estudantes de uma escola.

Administradores e professores

devem tornar claro que os cultos na escola, as actividades religiosas, a oração no início das aulas e antes dos testes, as orações de intercessão por pedidos individuais, não são actividades mundanas para purificar a instituição. São experiências vitais e elos de uma cadeia criada por Deus para operarem a nossa salvação e a nossa felicidade.

Amar as crianças e jovens, ser justo, ser totalmente honesto, responsável, reverente e cortês são

características do educador cristão.

5. Finalmente, os educadores cristãos têm *ideais e filosofias* que podem inculcar nos seus alunos para que saibam o que fazer e como actuar em cada circunstância da vida. Os educadores devem procurar proporcionar-lhes as melhores oportunidades educacionais, embora, por vezes, sob circunstâncias menos ideais, para encaminharem os jovens a Cristo.

A Igreja Adventista teve o privilégio de receber uma filosofia edu-

cacional que não está abaixo de nenhuma outra. O segredo do seu êxito está nas pessoas e não no material didáctico. O futuro da educação adventista está no coração e nas mãos de cada pessoa que se uniu aos que praticam o ministério da educação. □

REFERÊNCIAS

1. *Testemunhos para Ministros*, p. 31.
2. *Educação*, p. 16.
3. *Ibid*, p. 50.
4. *Ibid*, p. 18.
5. *Serviço Cristão*, p. 10.

Escola do Funchal

LURDES CARVALHO

Daqui, desta pérola do Atlântico, temos algumas coisas para contar:

— A nossa escola funciona desde o ano lectivo de 1981/82 e, como em qualquer começo, este foi bastante humilde. Presentemente temos 4 professoras distribuídas pelo sector Primário (2), e pelo Ciclo Preparatório T.V. (2).

Hoje, contamos com 73 alunos, sendo 18 do Ciclo Preparatório T.V. e 55 da Primária. Pensamos para

o ano lectivo 86/87, aumentar este número, tendo em conta a crescente solicitação de que ultimamente temos sido alvo.

Pela graça de Deus, o trabalho aqui desenvolvido, desde o seu início, tem sido excelente e muito apreciado pelas pessoas do exterior, a tal ponto de termos que rejeitar crianças por não termos vagas!

Somos conhecidos e apreciados, não pela publicidade que tenhamos feito, pois isso nunca aconteceu, mas são os próprios alunos e encarre-

LURDES CARVALHO

Directora da Escola Adventista do Funchal



Professoras da Escola do Funchal



Alunos da 1.ª fase



Alunos da 2.ª fase

gados de educação que transmitem aos amigos os resultados que os seus filhos aqui obtêm tanto no campo do ensino como, também, pelos princípios morais que nos caracterizam e neles inculcamos.

Confiamos na ajuda de Deus, para que o Seu nome seja exaltado pelo humilde trabalho e dedicação dos nossos professores e pelo testemunho das nossas crianças.

Maranata!

A Verdadeira Educação

A verdadeira educação tanto é prática como literária

E. G. WHITE

A verdadeira educação significa mais que um certo curso de estudo. É vasta. Inclui o desenvolvimento harmónico de todas as aptidões físicas e das faculdades mentais. Ensina o amor e o temor de Deus, sendo o preparo para o fiel desempenho dos deveres da vida.

A devida educação inclui, não somente a disciplina mental, mas aquele cultivo que garante a sã moral e o correcto comportamento.

A primeira grande lição em toda a educação é conhecer e compreender a vontade de Deus. Devemos introduzir na vida diária o esforço de adquirir esse conhecimento. Aprender a ciência através da interpretação humana apenas é falsa educação; aprender de Deus e de Cristo, porém, é aprender a ciência do Céu. A confusão em matéria educativa sobreveio devido a não haverem sido exaltados a sabedoria e o conhecimento de Deus.

Qual é o pendor da educação dada actualmente? Qual é o objectivo para que se apela mais frequentemente? O proveito próprio. Grande parte desta educação é uma perversão deste nome. Na verdadeira educação, a ambição egoísta, a avidez do poder, a desconsideração pelos direitos e necessidades da humani-

dade — coisas que são uma maldição para o nosso mundo — encontram uma influência contrária. O plano de vida estabelecido por Deus tem um lugar para cada ser humano. Cada um deve aperfeiçoar os seus talentos até ao máximo ponto, e a fidelidade no fazer isto confere honra à pessoa, sejam muitos ou poucos os seus dons. Os que «que se medem a si mesmos, e se comparam consigo mesmos, estão sem entendimento». O que quer que façamos deve ser feito «segundo o poder que Deus dá» Deve ser feito «de todo o coração, como ao Senhor, e não aos homens; sabendo que receberéis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis». (II Cor. 10:12; I Ped. 4:11; Col. 3:23 e 24.) Precioso é o serviço efectuado e a educação obtida na prática destes princípios. Quão diversa é, porém, grande parte da educação que hoje se dá! Desde os tenros anos da criança consiste ela num apelo à emulação e rivalidade; alimenta o egoísmo, a raiz de todos os males.

O modelo foi dado no Éden

O método de educação instituído no princípio do mundo deveria ser para o homem o modelo durante

tudo o tempo subsequente. Como ilustração dos seus princípios, foi estabelecida uma escola modelo no Éden, o lar dos nossos primeiros pais. O jardim do Éden era sala de aulas; a Natureza, o compêndio, o próprio Criador, o instrutor.

No ensino dos Seus discípulos, o Salvador seguiu o sistema de educação estabelecido no princípio. Os primeiros doze escolhidos juntamente com alguns poucos outros, que mediante o auxílio às necessidades tinham de quando em quando ligação com eles, formaram a família de Jesus. Achavam-se com Ele em casa, à mesa, em particular, no campo. Acompanhavam-n'Os nas Suas viagens, participavam das Suas provações e agruras, e tanto quanto lhes era possível participavam do Seu trabalho.

Às vezes, Ele os ensinava enquanto juntos se assentavam ao lado das montanhas, outras, junto ao mar ou do barco do pescador, e ainda outras vezes, enquanto andavam pelo caminho. Sempre que falava à multidão, os discípulos formavam roda mais achegada. Comprimiam-se ao lado d'Ele, para que nada perdessem das Suas instruções. Eram ouvintes atentos, ávidos de compreender as verdades que deviam ensinar em todas as terras e a todas as épocas.

Na infância e na juventude devem ser combinados o ensino prático e o literário, e armazenados na mente os conhecimentos.

Deve-se ensinar as crianças a ter parte nos deveres domésticos. Devem ser ensinadas a ajudar ao pai e à mãe nas pequenas coisas que podem fazer. A mente deve ser educada a pensar, a sua memória exercitada para lembrar o trabalho designado; e ao se educarem nos hábitos de utilidade no lar, estão sendo ensinadas a realizar os deveres práticos, próprios de sua idade.

Aquela espécie de educação que habilita o jovem para a vida prática, eles naturalmente não a escolhem. Insistem nos seus desejos, nos seus gostos ou aversões, preferências e inclinações; mas se os pais têm ideias correctas a respeito de Deus, da verdade e das influências e associações que deveriam rodear os filhos, compreenderão que sobre eles repousa a responsabilidade, dada por Deus, de guiar cuidadosamente a juventude inexperiencede.

Grave-se nos jovens o pensamento de que a educação não consiste em ensinar-lhes como escapar das ocupações desagradáveis e fardos pesados da vida, mas que seu propósito é suavizar o trabalho, ensinando melhores métodos e objectivos mais elevados. Ensinai-lhes que o verdadeiro alvo da vida não é adquirir o maior ganho possível para si, mas honrar ao seu

Criador, cumprindo a sua parte no trabalho do mundo, e estendendo uma mão auxiliadora aos mais fracos e mais ignorantes.

A educação deve despertar o espírito de serviço

Acima de qualquer outro meio, o serviço feito por amor de Cristo, nas pequeninas coisas da vida diária, tem o poder de moldar o carácter e orientar a vida no sentido do serviço desinteressado. Despertar este espírito, estimulá-lo e orientá-lo devidamente, eis a obra dos pais e professores. Não lhes poderia ser confiada obra mais importante. O espírito de serviço é o que reina no Céu, e anjos não-de cooperar com todo o esforço feito no intuito de o desenvolver e estimular.

Essa educação deve basear-se na Palavra de Deus. Somente aí nos são apresentados os seus princípios, em toda a sua plenitude. A Bíblia deve ser tomada como fundamento do estudo e do ensino. O conhecimento essencial é o conhecimento de Deus e d'Aquele que Ele enviou.

As crianças carecem grandemente de educação apropriada, a fim de virem a ser de utilidade ao mundo. Qualquer esforço, porém, que exalte a cultura intelectual acima da educação moral, é mal orientado. Instruir, cultivar, polir e refinar jovens e crianças deve ser a principal preocupação de pais e mestres.

O alvo da educação é a edificação de carácter

A mais elevada espécie

de educação é aquela que dá tal conhecimento e disciplina que leva ao melhor desenvolvimento do carácter, e habilita a alma para aquela vida que se mede pela vida de Deus. A eternidade não deve ficar fora dos nossos cálculos. A mais elevada educação é aquela que ensina às nossas crianças e jovens a ciência do cristianismo, que lhes dá um conhecimento experimental dos caminhos de Deus, e lhes comunica as lições que Cristo deu aos Seus discípulos sobre o carácter paternal de Deus.

Há tempo para instruir as crianças e tempo para educar a juventude, e é essencial que estas duas coisas sejam combinadas em alto grau na escola. As crianças podem ser preparadas para o serviço do pecado, ou para o serviço da justiça. A educação em tenra idade molda-lhes o carácter tanto na vida secular como na religiosa. Diz Salomão: «Instrui ao menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele» (Prov. 22:6). Esta linguagem é positiva. Esta instrução, recomendada por Salomão, é dirigir, educar e desenvolver.

Para que os pais e mestres façam esta obra, devem eles próprios compreender «o caminho» em que a criança deve andar. Isto abrange mais que o mero conhecimento de livros. Envolve tudo quanto é bom, virtuoso, justo e santo. Compreende a prática da temperança, da piedade, bondade fraterna, e amor para com Deus e de uns para com os outros. A fim de atingir esse objectivo, é preciso dar atenção à educação

física, mental, moral e religiosa da criança.

Sobre os pais e mães, recai a responsabilidade de dar educação cristã aos filhos que lhes foram confiados. Em caso algum devem eles deixar que qualquer ramo de negócio de tal maneira lhes observe a mente, o tempo e os talentos que a seus filhos seja permitido afastarem-se até estarem separados de Deus. Não devem permitir que os fi-

lhos escapem das suas mãos para as de incrédulos. Devem fazer tudo o que estiver em suas forças para evitar que absorvam o espírito do mundo. Devem prepará-los para se tornarem coobreiros de Deus. Devem ser a mão humana de Deus, preparando a si mesmos e aos filhos para um vida sem fim.

— *Orientação da Criança*, pp. 293-299.

IDE E ENSINAI

Crescimento em Estatura, Sabedoria e Graça = Educação

INTRODUÇÃO

- a) O nosso Exemplo: Lucas 2:52
- b) O nosso alvo: Tito 2:12
- c) O «Desenvolvimento harmónico» — *Educação*, p. 13

I. TRIPLO ASPECTO DA EDUCAÇÃO

A. Crescimento físico

- 1. Será possível influenciá-lo?
- 2. Qual o papel dos pais, da Escola, da Sociedade?
 - a) Conselhos do Espírito de Profecia
 - b) Orientação de profissionais competentes
 - c) Estudo pessoal destas questões
- 3. Que posso eu fazer neste domínio?

B. Crescimento Intelectual

- 1. Ligado ao conhecimento espiritual: Sal. 111:10
- 2. Língua e cultura, mas... Dan. 1:4 e 8
- 3. Ensino no lar: Prov. 1:8; 22:6; Deut. 11:19, 20; 31:19
- 4. Ensino de um Pai, testemunho de um filho: Prov. 4:1-27
- 5. Várias maneiras de instrução:
 - a) leitura: I Tim. 4:13
 - b) ensino «do sacerdote»: Mal. 2:6, 7
 - c) aos pés de Gamaliel (a Escola): Actos 22:3
 - d) a colectividade: Col. 3:16
- 6. Um só compêndio: II Tim. 3:16

C. Crescimento Espiritual

- 1. O Instrutor: Sal. 32:8
- 2. Atenção! Cuidado! verso 9
- 3. «Escolhe a vida!» Deut. 30:19

II. JESUS, O MESTRE DOS MESTRES

- 1. O Ensino como percurso de uma vida: Mat. 4:23
- 2. A sinagoga e o templo como espaços privilegiados do ensino de Jesus: Mar. 6:2 e 14:49
- 3. Uma forma diferente de ensinar: Mat. 7:29; 13:34; 9:36
- 4. O ENSINADOR-CONSOLIDADOR: Luc. 12:12; João 14:26

III. IDE, E ENSINAI

- 1. Mandato divino: Mat. 28:19
- 2. O Ensino na sua plenitude: Tito 2:1-8
 - a) as boas obras
 - b) a doutrina
 - c) a linguagem
- 3. Perigo! Rom. 2:21

CONCLUSÃO

- 1. Ensina-me o Teu caminho: Sal. 27:11; 86:11; 143:10
- 2. Discípulos do Senhor: Isa. 54:13

M. R. Baptista

Que representa uma criança?

RAUL POSSE



RAUL POSSE

Director da Escola Adventista de Villa Aurora, Itália.

Sobre a criança, têm-se escrito muitas páginas, muitos poemas e cânticos, alegorias e novelas. Por outro lado, as empresas editoriais encontram nas crianças e jovens os seus melhores leitores, publicando exclusivamente para eles muitas obras que nem sempre são recomendáveis.

É notório que esta sociedade faz uso de todos os meios que maior impacto possam exercer sobre a pura sensibilidade da criança, a fim de contagiá-la com a febre consumista que atinge os adultos. Por isso, vendem-se com facilidade jogos fantásticos, roupas extravagantes, alimentos contraproducentes e outros elementos ainda mais perigosos, que manipulam a personalidade da criança e, em muitos casos, a corrompem, despojando o seu pequeno ser de toda a base de moralidade, humanidade e espiritualidade.

Cabe, então, perguntar-se, com séria reflexão, o que representa uma criança para a sociedade actual. Para boa parte do comércio, a criança (e o adolescente) constitui importante filão nas suas vendas, porque é fácil de alucinar e persuadir. Para os meios de comunicação social, é um ouvinte dócil e assíduo, que absorve com incrível capacidade de sugestão e retenção, sem crítica madura, devido à sua inexperiência, qualquer programa ou mensagem de palavriado supérfluo ou vão, ou, às vezes, pior ainda, com germens de ideologias materialistas e ateias. Para muitas escolas, a criança representa o homem do futuro, o «modelo» de uma sociedade desenvolvida, altamente industrializada e desgraçadamente desumana.

Não são poucos os professores que sentem ansiedade por ades-

trar as faculdades da criança de modo a que ela possa inserir-se com êxito nesse mundo competitivo e exigente, onde a ciência e a técnica se constituem índices de um bem-estar teórico, muitas vezes um ideal irônico diante da desapiadada marginalização dos que «não produzem» (segundo barômetros materialistas), e de atitudes cada vez mais agressivas, para não dizer bélicas, em defesa do que concebem como paz e progresso.

Os programas escolares que tem a «debilidade» de realçar o desenvolvimento harmonioso da personalidade da criança, preocupando-se com a sua saúde psicofísica e com o desenvolvimento da sua dimensão afectiva, social, moral e, sobretudo, espiritual, são considerados antiquados «desfasados» ou «terceiro-mundistas», porque não gastam a maior parte do tempo a preparar «génios calculadores» de uma alucada carreira de «superação dos outros» e, dessa maneira, o fantasma de Nietzsche, com um novo super-homem tecnológico, arrebatada os sonhos lúdicos e os sorrisos ingênuos das almas infantis.

Para um bom número de pais, os filhos representam projecções egoístas, conscientes e inconscientes, quando não recalcamientos ou interferências nas suas vidas particulares de homens dentro de uma sociedade de «moral livre», e que mais não é do que uma máscara da sua instabilidade e, por vezes, da sua contaminação espiritual. Há pais para quem os filhos são graciosos bonecos, fáceis de manejar, de vestir e exibir, e por isso cuidam deles com irrazoável super-protecção. Para eles, um filho é a representação corpórea do sensualismo frustrante, da imprevisibilidade em todos os planos da vida doméstica, da improvisação de qualquer planeamento familiar, e essas indefesas criaturas tornam-se os «indesejáveis» da sua experiência matrimonial.

É necessário ponderar seriamente para situar a criança no seu devido lugar na sociedade, na escola, na família e na igreja. Devolver-

-lhe o nobre protagonismo como geração do futuro para um mundo melhor. Repensar a forma de aceitá-la, de educá-la, de criá-la e desenvolvê-la. Para essa maravilhosa realização, é necessário inculcar-lhe valores profundos de compreensão, amor, liberdade e espiritualidade.

Concluo com a adaptação de um artigo aparecido na revista italiana «*Vita e Salute*».

O pedido de um filho a seus pais

— Dai-me o melhor alimento, o mais inteligente cuidado, o mais afectuoso abrigo de que a minha indefesa vida necessita.

— Protege-me com essa segurança que somente o vosso amor me pode proporcionar num mundo perigoso e convulsionado, em que tudo muda rapidamente e que em breve se converte em estranho e angustiante.

— Deixai-me desenvolver os meus sentidos e proporcionai-me as melhores coisas para que eu possa sentir, respirar, tocar, escutar, embora com o risco de, na minha inexperiência, as poder maltratar.

— Não me castiguem nem reprimam quando estiverem de mau humor, porque certos dias estou irritado e sinto-me desiludido ou abatido, quase certo de que estou doente e confuso, e isso já é bastante sofrimento para mim.

— Não me dêem a impressão de que de alguma maneira sou rejei-

tado e o vosso afecto para comigo está diminuindo.

— Falai-me com gestos, com os olhos, com as mãos, com as atitudes, mas sempre com o coração, porque na minha pequenez eu nem sempre compreendo as palavras.

— Fazei com que em geral eu esteja rodeado de pessoas amáveis e optimistas, para que possa crescer num ambiente que coloque em mim as bases conscientes e inconscientes de uma vida de oportunidades, de alegrias e de gratidão para com Deus e os homens.

— Dai-me, com generosa compreensão, nem que seja um pequeno canto da casa, para que possa considerar-me dono dos meus brinquedos, dos meus livros, dos meus bonecos, dos meus sonhos.

— Demonstrei-me dia a dia, em actos de pequena importância, com o exemplo e a ternura, que as promessas se mantêm.

Deixai que às vezes vos importe com os meus ingênuos porquês e respondi-me com simplicidade, sem mistérios, e de acordo com a vossa prudência.

— Deixai de considerar-me um bonequito recém-nascido e ajudai-me a provar que sou um ser em crescimento.

— Orientai-me para que, pouco a pouco, eu possa ir fazendo a minha própria experiência espiritual, a minha descoberta do mundo, para que aprenda a rir com confiante franqueza, sem que isso de algum modo me prive dos vossos olhos de amorosa vigilância. □

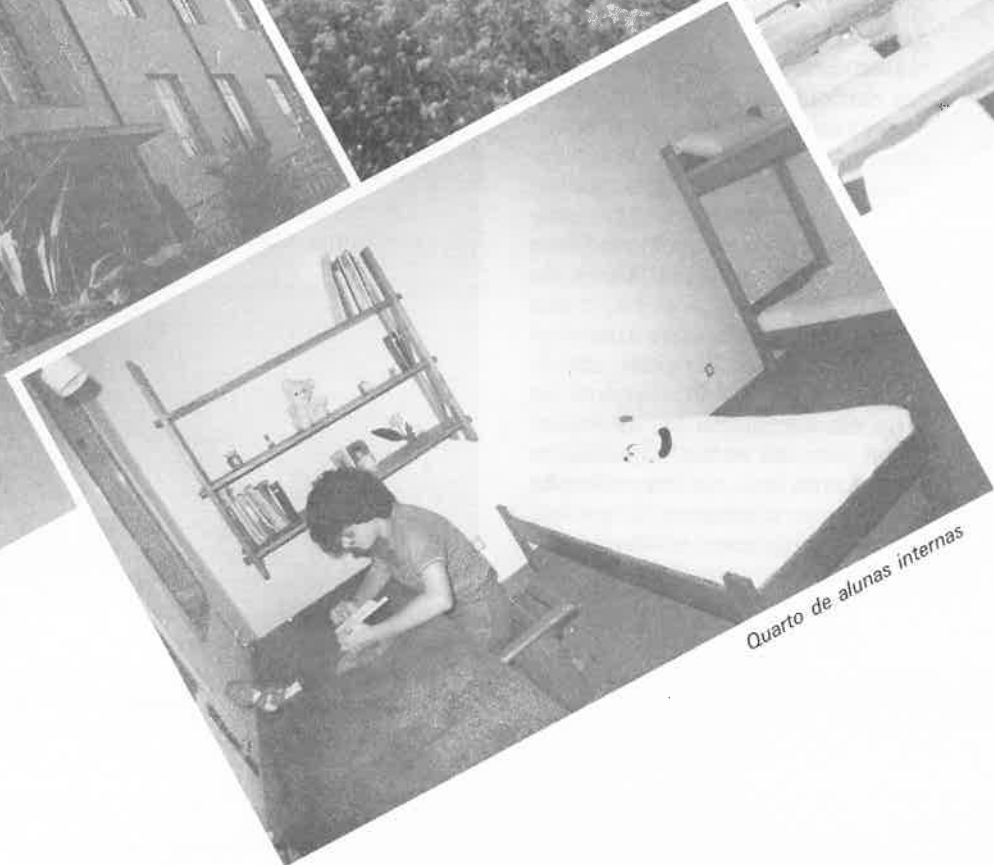
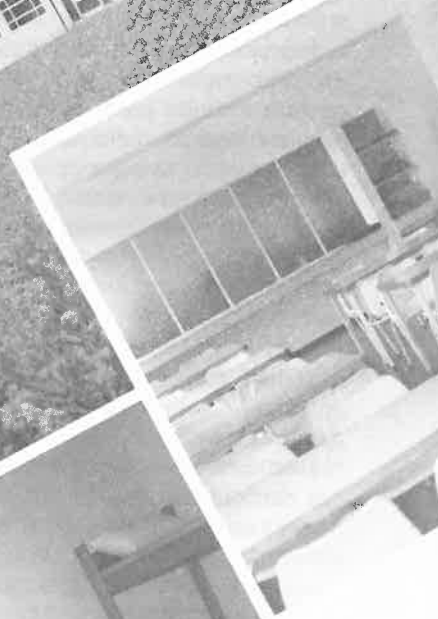




Construção do internato



Fachada principal do Colégio



Quarto de alunas internas

Dez anos ao serviço da Educação

SAMUEL GRAVE

mento tão acelerado. Com efeito, os cerca de oitenta alunos do ensino primário e preparatório converteram-se em duzentos e dezasseis alunos, desde o ensino primário ao complementar. Se, no início, cinco professores, uma empregada e um motorista (em serviço voluntário) eram suficientes para assegurar todo o trabalho no Colégio, hoje em dia são precisos vinte e quatro professores (onze a tempo inteiro e treze a tempo parcial), oito empregados (cinco a tempo inteiro e três a tempo parcial) duas jovens e uma senhora em serviço voluntário.

Um dos factores que modificou mais profundamente as características iniciais do Colégio foi a construção do dormitório, que recebeu os seus primeiros alunos em Outubro de 1982. A partir dessa data, toda a vida da escola se modificou também radicalmente, uma vez que deixou de ser um mero externato que funciona cinco dias por semana, cerca de dez horas por dia, para passar a ter vida própria sete dias por semana, vinte e quatro horas por dia.

Também a nível de internato se tem verificado um crescimento bastante acentuado. No ano lectivo de 1982-1983, o dormitório alojou apenas uma dezena e meia de alunos, enquanto que, presentemente, trinta e dois alunos do colégio, três jovens estudantes e três jovens trabalhadores estão a beneficiar das óptimas instalações do novo edifício.

Muitos são ainda os projectos que, uma vez concretizados poderão, a médio e a longo prazo, contribuir numa forma decisiva para o progresso desta instituição. É cada vez maior a necessidade de se construir um edifício próprio para o ensino infantil e primário, para

que o actual edifício destinado a aulas possa receber alunos até ao décimo segundo ano de escolaridade, das áreas de estudos científico-naturais e humanísticos.

No sector agrícola existem óptimas condições para uma melhor exploração dos terrenos pertencentes ao Colégio. Os planos relativos à abertura de uma ou mais indústrias ligadas a esta instituição poderão abrir novas perspectivas para o seu desenvolvimento. A construção de casas para professores e empregados poderá igualmente contribuir decididamente para uma acção educativa mais profunda e para a solidificação de um espírito de comunidade.

A fim de que uma atmosfera autenticamente adventista possa ser vivida no nosso colégio é indispensável que todos os nossos professores tenham os mesmos ideais educativos e uma sólida formação adventista, o que, infelizmente, não se verifica na actualidade. Nos últimos anos, desde que se alargou o nosso ensino aos 10.º e 11.º anos de escolaridade, foi forçoso recorrer à colaboração de vários professores não adventistas que, apesar de se terem integrado no espírito da nossa escola, não podem dar um contributo efectivo em todas as áreas da educação adventista.

Muitas são também as carências financeiras com que nos deparamos, e que impedem um crescimento mais rápido desta instituição. No entanto, temos muitas graças a dar a Deus pela maneira maravilhosa como nos tem abençoado até este momento. Só com a Sua orientação e ajuda foi possível todo o progresso verificado em dez escassos anos de existência. Só com a Sua orientação e ajuda será possível levar avante todos os planos idealizados para este centro educacional. Só com a Sua orientação e ajuda este colégio poderá cumprir a sua missão essencial de levar os seus alunos aos pés de Jesus e de fazer de cada um deles um cristão dedicado e um cidadão válido na nossa sociedade. □



Refeitório do internato

Quando em Outubro de 1975, o Colégio Adventista de Oliveira do Douro abriu pela primeira vez as suas portas, nada fazia prever que, num espaço de dez anos, se viesse a verificar um desenvolvi-

SAMUEL GRAVE

Director do Colégio Adventista de Oliveira do Douro

Educação Adventista

DANIEL SCARONE

Reconhece-se geralmente que a educação secular se encontra em crise. Alguns deitam culpas à decadência moral; outros, às filosofias políticas que promovem greves e revoltas entre os estudantes.

Embora muitos pais estejam preocupados com a influência que o cinema, a TV e as más companhias exercem sobre o vocabulário, as atitudes e as ideias dos filhos, raras vezes se detêm a pensar que as opiniões expressas pelos meios de comunicação são produtos do sistema educacional.

Somos o que pensamos. Se os nossos jovens actuam da maneira como actuam é porque estão convencidos de que essa é a melhor. O seu pensamento foi modelado pelas escolas que frequentaram. Quando os pais mandam os filhos para instituições educacionais não adventistas, devem ter consciência dos riscos que correm.

Mas nem sempre se dão conta de que existe uma relação entre a educação dos filhos e o juízo final, no qual todos havemos de ser julgados. Ellen White diz:

«Como igreja, como indivíduos, se queremos estar isentos de culpa no juízo, devemos fazer esforços mais liberais para o preparo dos nossos jovens...» *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 38.

Fiz a maior parte dos meus estudos em escolas de estado. Foi ali que a minha fé, tal como a dos meus companheiros, sofreu dura prova.

Recordo certas aulas de filosofia geral. Gostávamos da nossa professora. Admirávamo-la porque era amável e inteligente, e porque as suas aulas eram sempre interessantes. Um dia, o tema de discussão foi «A ideia de Deus». Explo-

ram-se os conceitos de John Dewey, Karl Jaspers e Jean Paul Sartre sobre esse tema. A professora expressou a sua própria posição: Deus existe apenas na imaginação humana.

Nessa época, eu apenas possuía alguns débeis argumentos para ir contra a sua posição. As provas dela pareciam irrefutáveis.

Quando recordo o vazio que experimentei nessa altura, pergunto: Quantos jovens, de lares adventistas, passam por experiências semelhantes? Será possível que os pais não tenham consciência do perigo que os filhos enfrentam? Ellen White, a mensageira do Senhor, diz: «Não podemos confiar em que nossos jovens vão a seminários e colégios estabelecidos por outras denominações; de que os devemos reunir em escolas em que não seja negligenciado o seu preparo religioso.» *Ibid.*, p. 40

E afirma ainda: «... Se não temos escolas para os nossos jovens, eles frequentarão outros seminários e colégios, e estarão expostos a sentimentos de incredulidade, de cavilação e de dúvida, com referência à inspiração da Bíblia.» — *Ibid.*, p. 40 e 41.

As escolas adventistas são diferentes

Os objectivos das escolas adventistas são diferentes. Não foram estabelecidas para ministrarem apenas uma educação intelectual. O seu objectivo principal é ajudar os jovens a aceitarem a Cristo como seu Salvador pessoal, e ensinar-lhes a difundirem o Evangelho. Professores e preceptores trabalham para alcançar estes objectivos. Partilham a sua vida com os jovens. Oram com eles e por eles. Conhecem as fraquezas e as necessidades dos estudantes, e procuram elevar a vereda daqueles que lhes estão confiados. Tendo em conta que grande número de conversões ocorrem entre os 14 e os 16 anos, trabalham constantemente para conduzir os jovens a Cristo.

O ano passado, um grupo de

DANIEL SCARONE

Pastor Adventista em Buenos Aires, Argentina.

estudantes visitou a nossa cidade e a nossa escola. Antes de se irem embora perguntei à pessoa que os dirigia quais tinham sido os resultados da excursão. Respondeu-me que muitos estudantes tinham não somente conhecido uma nova cidade, mas também aceitado a Jesus como seu Salvador pessoal.

A influência que os estudantes que já aceitaram a nossa fé exercem sobre os outros jovens é mais forte do que a de professores ou preceptores. Os jovens nascidos de novo revelam constantemente no lar, nos internatos, no refeitório, na igreja e até nas actividades recreativas a maravilhosa obra que Jesus realizou nas suas vidas desde que abriram o coração à sua influência.

Que abandonam os jovens adventistas quando vão para uma escola adventista?

1. Uma educação de rua.
2. Amigos que são uma constante preocupação para os seus pais.
3. Leituras mundanas, que é o que se encontra em muitas casas.
4. Vícios e a companhia das pessoas que os praticam. Muitos estudantes abandonam esses maus hábitos e vícios a partir do primeiro ano em escolas adventistas.

Em resumo: A juventude adventista não perde nada em frequentar as nossas escolas, mas aquilo que ganha não pode ser avaliado em termos humanos.

As estatísticas confirmam o facto de que as escolas adventistas ganham jovens para Cristo, mediante o trabalho silencioso e efectivo levado a cabo por professores cristãos. De acordo com estudos realizados, cerca de 85% dos filhos de lares adventistas que frequentam as nossas escolas — da escola primária ao ensino superior — unem-se à igreja ou permanecem nela.

Sim, as nossas escolas foram estabelecidas especialmente para os nossos filhos. «Não há obra mais importante do que a da educação dos nossos jovens.» *Ibid.*, p. 45. □

ENTREVISTA

Uma Escola Diferente

(Entrevista feita por Maria Augusta Lopes, professora da Escola Adventista de Lisboa, a uma ex-aluna, Hélia Mateus.)

A escolaridade é obrigatória.

É a primeira experiência social do homem.

É um factor determinante na formação de carácter.

São marcas que se interiorizam numa vida.

É tempo de seleccionar valores, conceitos e princípios. Mas quais?

Apresenta-se-nos uma Escola diferente — a Escola Adventista. Valerá a pena?

Nada melhor do que obter a opinião de alguém que conhece esta Escola de muito perto: uma ex-aluna.

— **Hélia, frequentaste a Escola Adventista durante quantos anos?**

— Frequentei-a durante a primária, dos seis aos nove anos e depois até ao 9.º ano. Saí porque a formação do colégio acabava aí.

— **E há quantos anos saíste?**

— Saí há três anos.

— **Ainda te lembras, certamente, de como era a vida da Escola?**

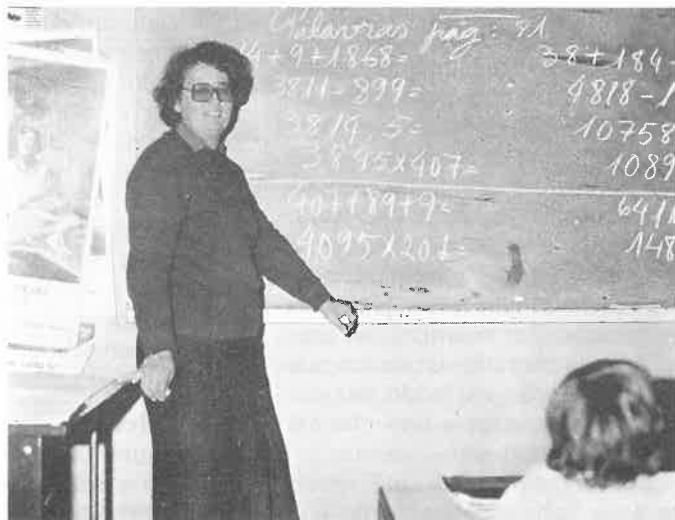
— Sim, lembro-me muito bem. Tínhamos aulas durante todo o dia. À primeira aula da manhã, tínhamos uma pequena Meditação e daí partíamos para o dia de trabalho escolar.

— **Foi difícil a transição para o liceu que passaste a frequentar?**

— Claro, senti imenso. É evidente que há imensas diferenças.



Ambiente calmo da Escola Adventista



Professora Dália Mateus



Aspecto de uma classe primária

Primeiro, porque se trata de um conjunto adverso, a que não estava habituada, e no final tive que me integrar numa nova maneira de estar. No colégio, eu estava como que em família, rodeada de pessoas (colegas, professores, empregados), que comungavam de ideais e estilo de vida semelhantes aos que me ensinavam em casa. Agora o que me rodeava eram pessoas com interesses distintos, para as quais eu era um elemento invulgar.

Tens ideia do que teria sido, para ti, enfrentar esse «mundo» uns anos antes?

Creio que a altura em que saí me foi particularmente favorável. Já tinha uma formação passada que me dava um certa auto-confiança e me preparava em qualquer circunstância para defender aquilo em que acreditava ou para manter a minha posição. Acho que poderia ter sofrido um choque psicológico se, quando mais nova, tivesse de estar permanentemente em confronto com princípios opostos àquele com os quais estava familiarizada. Por exemplo, eu passei nove anos numa escola em que se fazia oração de modo natural, no início das aulas e isso não era estranho a ninguém.

Nos primeiros dias que passei no liceu tinha a sensação de que

faltava alguma coisa: era a oração. Aconteceu-me até instintivamente ter vontade de perguntar ao professor: «não fazemos oração hoje?» Isto é um exemplo simples, mas que mostra a distância que existe entre uma escola que defende princípios vindos de Deus e outra que se rege somente por condicionamentos sociais.

Antes dos 14 anos estava simplesmente familiarizada com esses princípios, depois fiz deles os meus próprios princípios, quer por convicção quer por conhecimento, e é-me fácil e normal defendê-los e vivê-los.

— E quanto ao relacionamento afectivo com colegas. Ficou-te algo que recordes?

— De um modo geral não havia problemas entre nós e era nítida uma maior aproximação entre professores e alunos. Recordo-me, com saudade, do espírito de boa camaradagem que se vivia. Foi lá que fiz os amigos que mantenho e que me agrada sempre rever.

No liceu, lamentavelmente, não consegui encontrar esse tipo de camaradagem; lá, o relacionamento é quase sempre superficial e passageiro.

— Talvez fosse porque a camaradagem do colégio era com rapazes e raparigas exclusivamente adventistas?

— Não, dos que frequentávamos a escola, a maioria daqueles que não eram adventistas (alguns conhecendo outras realidades escolares) sentia-se perfeitamente integrada, de tal modo que alguns não abdicaram mais desses princípios, frequentando ainda hoje a igreja.

— Um outro aspecto é o da tua preparação científica. No-taste, em contacto com os outros colegas do liceu, que havia deficiências na tua aprendizagem?

— Não, de modo nenhum. Em primeiro lugar, porque não a negligenciei, em segundo, porque os conhecimentos me foram tão correctamente ministrados que não senti qualquer lacuna ou falha que me prejudicasse.

Para terminar, gostarias de acrescentar alguma coisa, de que não tivéssemos falado? Achas que realmente vale a pena frequentar a Escola Adventista?

— Joga-se muito com o futuro e com a sociedade do futuro. É a criança que desempenhará esse papel. Daí a preponderância da educação. A Escola Adventista propõe-se, à partida, oferecer algo mais que enriquecerá harmoniosamente esse desenvolvimento.

É por isso que eu acredito nela e sinto-me perfeitamente segura para, se algum dia tiver filhos, procurar essa Escola com a qual ainda mantenho laços.

— Como professora do Externato Infanta D. Joana, sinto-me feliz pelo teu depoimento. Penso que ele nos poderá esclarecer sobre a importância vital que adquire a Escola Adventista no tempo presente.

A minha experiência de contacto convosco também é recompensadora e, tal como tu, creio que vale a pena ter o privilégio de leccionar e de, simultaneamente, apresentar aos meus alunos a figura maravilhosa do grande Mestre

— JESUS. □

MARIA DEL CARMEN OSÓRIO
Y BRANÃ



fância. Vejamos algumas declarações: «Toda a educação deverá criar um clima favorável ao desenvolvimento da criança.»³ «A educação tem por finalidade favorecer o desenvolvimento harmónico da criança, criar-lhe hábitos de sociabilidade e contribuir para corrigir efeitos discriminatórios da sua condição sócio-cultural.»⁴

«É uma tarefa complexa e difícil; educar não é apenas ensinar e orientar, mas, principalmente, formar mentalidades, sentimentos, opiniões, valores, caracteres, sensibilidades, vontade e hábitos de conduta.»⁵

«A verdadeira educação é religiosa: a Bíblia deve ser o primeiro compêndio.»⁶ A mais alta educação é a que reparte conhecimento (...) que conduz a um melhor desenvolvimento do carácter e prepara a alma para a vida eterna.»⁷ «A verdadeira educação... é o desenvolvimento harmonioso das faculdades físicas, mentais e espirituais.»⁸

Responsabilidades da igreja na formação da criança

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, tem um programa educacional bastante vasto em todo o mundo, baseado em escolas e universidades, onde a educação tridimensional é concretizada. Mas nem todos podem beneficiar dele. Assim, e segundo recomendação da Divisão Euro-Africana, as crianças adventistas que frequentam escolas seculares e não podem beneficiar da educação religiosa das nossas escolas, devem receber semanalmente instrução bíblica equivalente à dos nossos colégios, o que normalmente é feito nas manhãs de domingo, nas actividades dos Desbravadores. Contudo o papel da igreja na formação dos nossos filhos vai mais além, e começa antes disso. Não obstante, a educação no lar é imprescindível e insubstituível. Na igreja, ela complementa-se e alarga-se. Vejamos:

O primeiro contacto da criança com a igreja dá-se nos primeiros dias após o nascimento, na sua

Educar para a Eternidade — o papel da igreja na educação da criança

Importância da educação

O papel que a igreja desempenha na formação religiosa dos seus filhos é tão grande e importante que as suas consequências transcendem os horizontes deste século, projectando-se para a eternidade. Daí denominarmos esta função eclesial: «Educar para a eternidade».

Com efeito, num mundo pervertido como o nosso, e face aos difíceis tempos que se avizinham, «nada é mais importante que a educação de nossas crianças e jovens. A igreja deve despertar e

manifestar profundo interesse nesta obra, pois hoje como nunca antes, Satanás e suas hostes estão decididos a alistar os mais jovens sob a bandeira negra que leva à ruína e à morte. Deus indicou a igreja como atalaia a fim de ter cioso cuidado dos jovens e crianças.»¹ «O Senhor deu instruções quanto a ensinar-se as crianças desde a mais tenra idade, acerca de Sua bondade e grandeza, segundo se revela na sua Lei.»²

O que é educação infantil?

Antes de conhecermos o papel da igreja na educação da criança, convir-nos-á saber mais profundamente o que é a educação de in-

MARIA DEL CARMEN O. Y BRANÃ

Esposa do Pastor Daniel Silva e Educadora de Infância

apresentação a Deus. A criança ainda não pode aperceber-se, mas a bênção de Deus começa aí. Saberá mais tarde que foi «apresentado» ao Senhor, e isso o deverá marcar pela infância fora. Jesus disse a Pedro: «apascenta os meus cordeiros».⁹

«Assuma a igreja a responsabilidade de alimentar os cordeirinhos¹⁰ E o sábio Salomão escreveu: «Instrui o menino no caminho em que deve andar, e até envelhecer, não se desviará dele.»¹¹ E a igreja assumiu esta responsabilidade e privilégio. Vejamos o seu começo.

Na Escola Sabatina: os primeiros passos

Quando naquela tarde de Agosto, James White parou a sua charrete à beira do caminho para mendar, e depois, sobre o fundo do cesto, escreveu as primeiras lições para as crianças e jovens, e dali as publicou no *Youth's Instructor* mensalmente, ele não imaginava o longo alcance desse seu primeiro acto: lançava as primeiras pedras no grande edifício que é a Escola Sabatina, a maior escola do mundo, e, simultaneamente, criava as bases do futuro departamento da Juventude. Mas é sobre a função da Escola Sabatina que nos deteremos agora.

«Os que tratam de reunir as crianças na Escola Sabatina estão fazendo uma obra, a mesma que o Mestre gostaria que fizéssemos.»¹² «É um trabalho que os anjos gostariam de fazer, mas Deus encomendou-o a seres humanos.»¹³

Realmente, é uma tarefa importante esta realizada nas clases infantis e juvenis da Escola Sabatina. Aqui as crianças tomam contacto com a igreja pela primeira vez, no Rol do Berço, depois no Jardim de Infância, Primários, até Juvenis e Jovens. Ali aprendem a amar a Jesus, e as belas histórias da Bíblia. Através dos cânticos e versículos que vão decorando, vão desenvolvendo o seu gosto pelas coisas de Deus, e lançando as sementes da verdade no seu cora-

ção. As orações que vão aprendendo a fazer dar-lhes-ão maior confiança em Deus, e aprenderão também a sentirem-se dependentes d'Ele. E os cânticos, nunca os esquecerão: são um elo com a igreja, mesmo fora dela. Ainda hoje encontramos pessoas que em criança frequentaram a igreja, e apesar de estarem fora dela, ainda recordam com saudade aqueles maravilhosos cânticos. «Nunca se deve perder de vista o valor do canto, como meio de educação... os alunos serão levados mais perto de Deus, dos professores e uns dos outros.»¹⁴ Nas respectivas classes gera-se um ambiente espiritual de grupo que favorecerá a amizade cristã e os laços de companheirismo, e propicia as condições para a criança e juvenil tomarem decisões para a eternidade.

É de realçar as relações com as professoras da classe, que se geram pelo convívio espiritual e fraterno, em que a criança vê nelas um modelo a imitar, como é seu instinto, e assim melhor recebe os seus ensinamentos. Daí, a necessidade de a igreja cuidar da escolha das monitoras ou professoras infantis, pois elas levam em si o exemplo e o modelo do cristianismo.

Nas classes mais avançadas, como as de juvenis e jovens, o companheirismo, o exercício espiritual, ao participar nas discussões das lições, ou mesmo ao colaborar, passando-as, permitirá decisões no seio do seu grupo, quer em termos de entrega a Cristo, quer em decisões para servir a igreja nalguma responsabilidade futura.

O serviço do culto e outros exercícios espirituais

O serviço do culto deve ser um momento solene também para os mais novos. Deve tornar-se acessível às crianças, descendo até à sua mentalidade. É por isso, que se deve dedicar uma parte, normalmente no início, a elas, com alguma história especial ou experiência, que lhes toque o coração

e a compreensão. As Semanas de Oração dos Jovens proporcionam também meditações para os mais novos, que devem ser cuidadosamente apresentadas.

Em dias de baptismos, também se deve falar aos nossos mais pequenos, dirigir-se-lhes o apelo. Jesus disse: «Deixai vir a mim os meninos e não os estorveis, porque dos tais é o reinos dos Céus.» As crianças aprendem a estar na igreja, e a respeitar a sua reverência ao lado dos seus pais, mas nunca nas salas brincando sozinho.

Departamento da Juventude (Desbravadores e Tições)

O departamento de Juventude, nas suas diferentes divisões etárias, promove programas especiais para os meninos e jovens, «com o fim de os ajudar a tomar atitudes correctas, conhecimentos apropriados e aptidões necessárias para o crescimento na graça, e serem eficientes no seu testemunho para o Senhor»¹⁵ Entre eles temos os Devocionais: Devoção Matinal, Ano Bíblico, Semana de Oração, Cursos de Dirigentes, Voz da Mocidade, Grupos de Amizade, Classes Progressivas, Congressos, Grupos de Música, Acampamentos, Reuniões Espirituais de Sábado à tarde, etc, além das actividades próprias dos Clubes de Tições e Desbravadores, ao domingo de manhã, onde têm a sua aula bíblica. Tudo isto, em consonância com actividades ao ar livre e desportivas, permite o desenvolvimento espiritual, não descurando as outras duas dimensões, a física e intelectual. Deste modo, as nossas crianças e os nossos juvenis e jovens, tornam-se homens úteis à igreja, ao próximo e a Jesus. O seu testemunho será poderoso para trazer outros a Cristo. Serão leais, honestos e correctos para com o seu próximo, onde estiverem.

Afinal, o papel da igreja na formação das nossas crianças e juventude é, em suma, a obra cometida à Sua Igreja, quando disse:

«Apascentai os meus cordeiros», ou dizendo doutro modo, esta sublimada missão de formar e orientar, *é educar para a eternidade.*

BIBLIOGRAFIA

1. *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, pág. 147.
2. *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 47
3. F. Dolto, *O Meu Filho no Jardim de Infância*.
4. *Projecto de Lei de Bases do Sistema Educativo do M.E.C.*, pág. 16

5. S.I. Hayakawa, jornalista e psicólogo americano, in *Revista Adventista Brasileira*, Agosto de 1974.
6. *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, pág. 96.
7. *Educação*, pág. 221.
8. *Educação*, pág. 13.
9. *João* 21:15
10. *Orientação da Criança* pág. 43.
11. *Provérbios*, 22:6.
12. *Nuestros Ninos* Introd.
13. *Nuestros Ninos* Introd.
14. *Orientação da Criança*, pág. 523,
15. *Manual de Igreja*, pág. 131-133

Esperamos que um bom número de participantes venham de todas as igrejas da União na certeza de que darão por bem empregado o esforço despendido para dedicarem quinze dias a tão útil e agradável actividade.

Várias pessoas nos têm perguntado se os membros que já terminaram o curso podem voltar a inscrever-se. A resposta é simples: Sem dúvida que podem.

Embora os temas anunciados sejam os mesmos, cada instrutor não vai limitar-se ao que foi apresentado em 1983. Há sempre material novo, novas abordagens das diferentes disciplinas e contactos enriquecedores com novos irmãos.

Uma pergunta para terminar: O prezado leitor almoçou ontem, ante-ontem e no dia anterior? Achou que lhe foi útil? Se assim foi, como esperamos que tenha sido, vale a pena almoçar também amanhã, depois de amanhã e no dia seguinte, ainda que alguns alimentos se repitam. Não é verdade?

Curso de Doutrina para membros de Igreja

ERNESTO FERREIRA

Desde 1983, tem funcionado cada ano, durante o mês de Agosto, em Oliveira do Douro, o chamado Curso de Doutrina para Membros de Igreja.

Efectuado no ambiente acolhedor do nosso Colégio, no meio de uma bela natureza e no convívio alegre com irmãos vindos praticamente de todas as igrejas da União, o Curso tem sido uma bênção para todos quantos nele têm participado.

Ao regressarem às suas igrejas, os participantes têm-se sentido enriquecidos espiritual e intelectualmente, e disso é prova o testemunho espontâneo por eles dado e a sua própria actuação como obreiros voluntários.

No Curso do ano passado estiveram presentes 43 participantes — 29 internos e 14 externos.

Na sessão de encerramento, presidida pelo Pastor Joaquim A. Morgado, foram distribuídos diplomas a 22 cursistas que terminaram com aproveitamento o ciclo de três anos.

No próximo mês de Agosto, de 4 a 20, terá lugar o primeiro período do segundo ciclo, com as disciplinas: Introdução ao Estudo da Bíblia (Pastor Manuel Cordeiro),

Psicologia Aplicada à Vida da Igreja (Dr. Raul Posse), o Dom de Profecia na Igreja Remanescente (E. Ferreira) e Estudos Sobre o Livro de Daniel (Idem).



Os professores, com o Ir. Alves, da Igreja do Barreiro (à esquerda), que gentilmente nos cedeu estas fotografias



Os participantes do Curso — 2.º ano

Escola em Coimbra

Ao falar de educação, temos de considerar sempre a dicotomia lar/escola.

Se o lar deve ser o local onde as bases do carácter são lançadas, onde as crianças se encontram com a vida, o mundo e o espiritual, é a Escola que deverá ser o prolongamento dessa acção, não a substituindo, mas completando-a através do ensino das matérias curriculares e apoiando o ensino na prática de uma vida social e espiritualmente correcta.

Este é, em resumo, o conceito de Educação que a Igreja Adventista tem. E, de acordo com isso, tem procurado criar os meios que permitam pô-lo em prática, fundando um sem número de escolas, um pouco por todo o lado, desde o ensino primário até às universidades.

A Escola Primária de Coimbra é uma delas, que procura divulgar, dentro da sua esfera de acção, as noções do amor de Deus pelas crianças.

Esta escola tem uma vida ainda relativamente curta, no entanto, já passaram por ela várias dezenas de crianças, a quem temos procurado ajudar a desenvolver o seu carácter de forma harmoniosa e honesta.

Alguns dos alunos, embora não pertençam a famílias ligadas à igreja, têm participado em actividades promovidas por ela,

tais como Escolas Cristãs de Férias, Tições e Acampamentos, que de alguma forma, esperamos, tenham vindo a influenciar a sua personalidade de forma positiva.

É Coimbra uma cidade de muitos preconceitos, o que tem reflexos sobre as matrículas dos alunos de fora da igreja, uma vez que alguns pais, ao sabermos que o nosso Externato está situado no edifício da igreja, não querem pôr aqui os seus filhos.

Por tudo isso, lutamos com algumas dificuldades, principalmente de ordem financeira, a que a igreja local, bem como a boa vontade da nossa União, tem dado o apoio que tem permitido a continuidade do trabalho iniciado.

Este ano temos 29 crianças matriculadas. Para sobreviver, precisamos de mais crianças, e por isso, estamos a envidar esforços para que o número de alunos seja grandemente aumentado no próximo ano lectivo, a fim de diminuirmos as condições deficitárias do nosso funcionamento e conseguirmos realizar cabalmente os objectivos da educação cristã que defendemos.

O externato Adventista de Coimbra deseja ser, com a ajuda de Deus e para Sua glória, uma luz que divulgue as verdades do Evangelho prático. Por isso, conta com as orações da Família Adventista portuguesa a fim de que consiga realizar o objectivo para que existe.



Edifício da Igreja de Coimbra onde está instalada a Escola



Todos os alunos da Escola com as professoras



1.º ano em funcionamento com a directora da Escola, irmã Maria Amélia Narciso



2.ª fase em funcionamento



Sala da 1.ª fase (1.º e 2.º) em funcionamento

EDUARDO GRAÇA

Pastor da Igreja de Coimbra

Princípios para o ensino religioso

LOIDA GIMENEZ

«A verdadeira educação é o desenvolvimento harmonioso de todas as faculdades físicas, mentais e espirituais.» — *Educação*, p. 13.

Este conceito de educação, que Ellen G. White nos deixou, continua actual, dado que vivemos num mundo materializado, em que os valores espirituais estão tão esquecidos que muitas vezes nem sequer nos lembramos deles. Por isso, a educação que se oferece normalmente fixa a sua atenção apenas nas faculdades físicas e intelectuais.

Porém, constitui grave erro esquecer as faculdades espirituais, dado que estas existem latentes na criança, e todo o educador, seja pai, professor ou simples membro de igreja, deve fazer com que se desenvolvam ao máximo, ou, caso contrário, deixarão uma lacuna que a criança nunca mais poderá preencher adequadamente.

Como adventistas, devemos ter em conta um importante objectivo: ministrar os ensinamentos de Cristo aos jovens de todas as idades. Deveríamos tomar a sério este ponto, pois é durante os primeiros anos da sua existência que a criança deve descobrir as alegrias da vida cristã, as quais a levarão, mais tarde, a aceitar Jesus como seu Salvador pessoal. Então, é quando o carácter está em formação e se pode incutir na criança princípios que farão dela, no dia de amanhã, uma pessoa equilibrada. Por isso, em Provérbios 22:6, se diz: «Instrui ao menino no caminho em que deve andar; até quando envelhecer, não se desviará dele.»

I. Desenvolvimento religioso da criança

Período pré-natal: A mãe cristã deve preocupar-se com o seu

filho antes dele nascer e, com espírito de oração, deve procurar exercer uma influência invisível sobre o bebé.

De 0 a 3 anos: Os meninos pequenos não compreendem muitas coisas, mas não sabemos a partir de que momento as vão compreender. Sendo assim, devemos, desde o princípio, ensinar-lhes aspectos espirituais. Pouco a pouco, veremos que vão aprendendo as coisas espirituais pela imitação. Sabem que têm de guardar silêncio e mostrar respeito na igreja, e assim que começam a falar, são capazes de repetir orações, de aprender cânticos, etc.

Compreendem basicamente o que é amor de Jesus, porque também amam os seus pais e, para eles, a noção de Deus identifica-se com os pais. Essas são as noções rudimentares da fé.

O papel dos pais é, pois, fundamental.

De 4 a 5 anos: Convém despertar a fé na criança, habituando-a a ver o amor de Deus nas coisas correntes, e isto a qualquer hora do dia e não somente nos cultos. A criança aceita a verdade sem dúvidas, por isso convém apresentar-lhe Deus como um amigo acessível e disposto a ajudá-la, a salvá-la, e não a castigá-la. Nesta idade, a criança é capaz de compreender Deus no Seu aspecto paternal.

De 6 a 8 anos: Começa nesta altura o seu interesse pela realidade da salvação. Compreende as relações de família na explicação da salvação e sente amor por Aquele que a vê constantemente e é seu Amigo. A sua oração é já pessoal e pública.

De 9 a 11 anos: A partir desta idade, é necessário usar a lógica para convencer o jovem da Verdade e mostrar-lhe a racionalidade do plano da Salvação, porque já utiliza um raciocínio lógico. Sente respeito pelas pessoas que admira e que sabem guiá-lo sem estorvá-lo ou coagi-lo. Possui também idealis-

mo, lealdade e devoção para com uma causa, e começa a apreciar o convívio com o seu grupo de amigos.

É capaz de ter opiniões correctas sobre o seu estado de pecado e sobre o caminho da Salvação.

Pode reconhecer a Cristo como Rei e Senhor da sua vida.

De 12 a 13 anos: Aprecia a leitura e a música e por isso deve haver a preocupação de proporcionar-lhe as mais adequadas. É preciso criar nele o bom gosto.

Pode adquirir convicções e piedade pessoal. É o momento em que geralmente toma decisões por experiência pessoal e estas podem levá-lo ao baptismo e à consagração.

Sente entusiasmo pelas acções missionárias fora do comum.

Dos 14 aos 16 anos: A vida religiosa é algo de muito pessoal e, pelo seu crescente sentimento de lealdade, tem para o jovem desta idade algo de romântico.

É o período em que se realizam maiores decisões por Cristo, embora seja também o momento das grandes dúvidas e inquietações e, sobretudo se o ambiente religioso ao seu redor lhe é hostil, o jovem passa por lutas religiosas e morais. Temos de ter em conta que se deixa influenciar pelo meio que o rodeia.

Tem tendência a acreditar que as suas dúvidas são extraordinárias e pouco usuais, e temos de fazer com que se sinta livre para discutir os seus problemas, em particular ou publicamente.

Não aprecia uma religião mística, sobretudo se é rapaz, mas para o jovem entre os 14 e os 16 anos, a religião é um guia moral, um apoio, um conforto para vencer as tentações. Tem de ser prática e nada convencional. Por isso, podemos dizer que é o período em que se produz a

consolidação do pensamento religioso.

II. Evolução do ensino

Como vimos, o desenvolvimento evolutivo é, em qualquer idade, propício para estabelecer bases e ensinar à criança os aspectos religiosos, sempre que saibamos adaptá-los à sua idade e aproveitar o momento oportuno. Poderíamos dizer que o ensino deve ser contínuo, progressivo e adaptado.

Há quatro estádios de ensino. Compreendê-los ajuda-nos na construção deste edifício;

1. *Imitação:* A primeira pedra é colocada através dos actos e movimentos que nós próprios realizamos. As crianças actuam por imitação.

2. *Repetição:* O fundamento vai-se completando por meio da repetição. As lições, abundantemente ilustradas, vão-se memorizando.

3. *Elaboração:* À medida que a criança imita os comportamentos, vê as ilustrações e realiza actividades, vai ela própria elaborando o seu sistema religioso, e pode pensar já objectivamente.

4. *Aplicação do tema:* É a parte final da construção do edifício. Devemos fazer com que a criança ou jovem seja capaz de tirar as suas próprias conclusões e as interiorizar para futura aplicação na sua vida.

III. Os agentes do ensino religioso e seus métodos

A. O LAR

No livro *O Lar Adventista*, encontramos um capítulo intitulado «A religião em família» (pp. 317-325), que seria de toda a conveniência ler.

A família é o primeiro agente que actua na criança. Diz a Sr.^a White: «Quando o coração das crianças é susceptível de im-



A escola torna-se um agente de ensino religioso

LOIDA GIMENEZ

Enfermeira adventista na Venezuela

pessão, deve-se-lhes ensinar sobre as realidades eternas» (p. 320).

«No lar em que a religião é coisa prática, grande bem é realizado. A religião levará os pais a fazer exactamente a obra que Deus lhes designou que fizessem no lar. Os filhos serão criados na admoestação do Senhor.» (p. 318).

Poderíamos citar algumas condições necessárias ao êxito:

1. Ordem e regularidade. Tão necessárias como o carinho.

2. Conhecer a psicologia da criança e do jovem. Para isso é necessário comunicar muito com eles, dialogar, não aniquilar a sua personalidade.

3. Criar um clima de confiança que facilite a expressão, o progresso e o esforço. Para que possa haver confiança, temos de guardar para nós mesmos as confidências e cumprir as promessas que lhes fazemos, não os enganar e tratá-los de acordo com a idade que têm.

4. Criar um firme ambiente de afecto, através de uma calma autoridade e de uma ternura harmoniosa e serena.

5. Criar um ambiente cristão. No lar deve existir lealdade, caridade em palavras e actos, deve ver-se ódio ao pecado juntamente com amor e respeito pelo pecador, e é bom que a família se junte para o culto familiar. (pp. 324, 325).

6. Dar o exemplo: Sede vós mesmos o que quereis que os vossos filhos sejam.

7. Ser constantes: A educação exige continuidade. As ordens contraditórias e a falta de lógica quebram a continuidade, porque criam incerteza e instabilidade.

8. Estar e parecer unidos. Não brigar diante dos filhos. Jamais autorizar às escondidas aquilo que o outro não autoriza.

Que um não diga algo que possa prejudicar o respeito e carinho dos filhos pelo outro. Procurar reforçar a autoridade mútua em todas as circunstâncias.

«Instrução religiosa significa muito mais que instrução comum. Significa que se deve orar com os filhos, ensinando-lhes o modo de se aproximarem de Jesus e contar-lhes todas as suas necessidades. Significa que devemos mostrar na nossa vida que Jesus é tudo para nós, que o Seu amor nos torna pacientes, bondosos, perdoadores e, não obstante, firmes em ordenar a nossos filhos depois de nós, como fez Abraão» (p. 317).

B. A ESCOLA

Juntamente com a família, a escola torna-se, também, um agente de ensino religioso. Não obstante, quando os pais compreendem as suas responsabilidades, os professores têm muito menos que fazer. Na página 389 do livro *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, Ellen White dá-nos algumas características que os professores e, particularmente o professor de Bíblia, devem possuir.

Podemos, também, apresentar alguns factores que tornarão eficaz o ensino da Bíblia:

1. As crianças e jovens precisam de religião, não de teologia.

2. Confiança em Deus, por parte do professor, através da oração.

3. Exemplo. «A menos que manifesteis mansidão, bondade e cortesia no lar, a vossa religião será vã.» *O Lar Adventista* p. 319. «Sede bondosos, longânimos, pacientes no lar, sabendo que sois professores» (*Ibidem*).

4. Aplicação prática e vivência daquilo que ensina, por parte do professor. Falar com ternura e coerência.

5. Desenvolver a ordem, a paciência, a perseverança, tolerância, bom humor, honestidade, diligência, companheirismo, humildade. Se isso é importante em todo o ensino, ainda mais no ensino religioso.

6. Despertar o interesse pela Bíblia. «A fim de que interesse-mos os nossos filhos na Bíblia, nós mesmos devemos estar interessados nela. Para despertar neles amor ao seu estudo, devemos amá-la» *Educação*, p. 186.

7. Tornar atraente a religião por meio de cartazes, gráficos, ilustrações, etc. (Preparação do lugar onde têm as aulas.)

8. Partilhar os ensinamentos que a vida nos oferece, tanto com professores como com alunos.

9. Programar, dentro do curso, retiros espirituais.

C. A IGREJA

O terceiro agente que marca a criança ou o jovem e o influência é a igreja. Quando no lar e na escola há a preocupação de lhe inculcar bases religiosas, a igreja completa este sistema de educação. «No lar é posto o fundamento da prosperidade da igreja» — *O Lar Adventista*, p. 318. «Se houvesse mais genuína religião no lar, mais poder haveria na igreja.» — *Ibid.*, p. 319.

Todavia, através da Escola Sabatina, através do Culto e até dos Clubes de Tições ou Desbravadores, a igreja ministra uma educação religiosa às crianças e jovens.

É importante que se ensine aos membros de igreja como devem tratar as crianças e jovens e que, sobretudo os diáconos e monitores da Escola Sabatina e do Clube dos Desbravadores, recebam pequenos cursos sobre a evolução psicológica e sobre os melhores métodos de ensinar religião.

IV. Meios a utilizar

As Sagradas Escrituras oferecem-nos abundante material que podemos utilizar no ensino da Bíblia. O povo de Israel, a escola dos profetas e o próprio Jesus deixaram-nos valioso exemplo.

1. *O livro de texto*. Um bom livro de texto deveria ter muitas ilustrações, exemplos, exercícios ou actividades que motivassem a individualidade dos alunos, com uma linguagem

clara e simples e, claro está, adaptado à sua idade. O material das classes da Escola Sabatina, feito em vieseline, flanela ou cartão plastificado, para maior duração, com temas sobre a natureza ou com algumas histórias da Bíblia, pode revelar-se extremamente útil no ensino dos mais novos e isto tanto em casa, como na escola, como na igreja.

2. *Música*. A música é outro meio importante. Através dela inculcam-se a maioria dos princípios da Verdade e fortalece-se a fé (*Educação*, p. 38). Jesus cantava para vencer a tentação e animava os outros com os Seus cânticos. Isto nos diz Ellen White no livro *O Desejado de Todas as Nações*. O povo de Israel também usou o cântico e nós, Israel moderno, devemos usá-lo igualmente.

3. *Natureza*. A natureza é o segundo livro de texto. Através do contacto com a natureza e observando cada característica que nos apresenta, podemos aproximar-nos mais do Criador e conhecer melhor o carácter de Deus. É certo que, actualmente, a natureza está muito degradada, mas mesmo assim, contém lições preciosas que podemos usar e que farão com que os jovens compreendam melhor o seu Salvador.

Devemos relacionar-nos, educadores e educandos, com o meio que nos rodeia e procurar utilizá-lo tanto quanto possível, já que recordaremos melhor as lições extraídas da vida quotidiana.

Cristo valia-Se da natureza para ilustrar as verdades imortais. Nós devemos aprender a utilizar também este meio (*Educação*, pp. 99 e 100).

4. *As nossas próprias experiências*. Deus, ao princípio, falava directamente com Adão e este transmitiu, oralmente, conhecimentos às gerações que o seguiram. Esse mesmo método chegou até aos dias de Jesus. Nas escolas rabínicas havia ensino oral. Nós, através deste mesmo método, podemos também ensinar religião e partilhar as nossas experiências, que podem revelar-se enriquecedoras.

Todos podem colaborar no plano de Deus. Por isso, é bom que dialoguemos com as crianças e jovens e lhes transmitamos as verdades que conhecemos para criar na nossa vida uma religião prática e não uma teologia teórica. □

SERVIÇO VOLUNTÁRIO ADVENTISTA

Precisam-se jovens que desejem dar um ano de serviço voluntário nas nossas escolas:

Condições:

1. Ser membro da Igreja com boa recomendação
2. Ter pelo menos o 10.º ano de escolaridade
3. Viver perto duma das nossas escolas

Escrever para:

Departamento da Juventude Adventista Portuguesa
Rua Joaquim Bonifácio, 17 — 1199 Lisboa Codex

Escola de Setúbal

CIPRIANO BAPTISTA

O velho e acalentado sonho de dotar a Igreja de Setúbal de educação cristã para os cordeirinhos do Senhor está a tornar-se, finalmente, uma realidade.

Aproveitando a fixação entre nós da irmã Maria Leonilde T. Dias ex-directora da Escola Primária de Huambo, e a boa vontade das direcções de Jovens e Escola Sabatina Infantil, que nos cederam as suas instalações, começámos em Outubro de 1982 com apenas 3 crianças em regime de Actividade de Tempos Livres.

A competência e dedicação do pessoal docente fez-nos aperceber das reais possibilidades de incrementar o ensino genuinamente cristão e ampliá-mos o trabalho, agora com os mais pequeninos no âmbito de Jardim de Infância.

Passados três anos e meio, temos 25 crianças no Jardim de Infância e cerca de 40 em regime de Actividade de Tempos Livres.

Além da directora, temos duas assistentes a tempo inteiro e outras duas a tempo parcial, e também o apoio de uma Educadora Infantil.

Um total de 65 a 70 crianças torna pequeno o espaço de que dispomos, o que tem dificultado a obtenção da oficialização da nossa escola, obstácu-

Edifício da Igreja de Setúbal, onde está instalada a Escola



Grupo de alunos da Escola de Setúbal



As Professoras com a directora da Escola, irmã Leonilde Tavares



Cena escolar em Setúbal, com a directora da Escola irmã Leonilde

lo que não existe mais, em função de pequenas obras de adaptação, pelo que, na hora da publicação desta notícia, esperamos estar tudo em ordem e já em nosso poder os dois alvarás que pedimos.

Todavia, se o nosso espaço fosse maior, a nossa escola teria muitos mais alunos, pois estamos a recusar com bastante frequência, e sempre com um aperto de coração, crianças cujos pais, não adventistas, nos confiariam plenamente os seus filhos.

Quanto precisamos de um amplo espaço já edificado ou de um terreno onde possamos deitar mãos

à obra e construir um edifício, humilde mas funcional, dedicado ao ensino das ciências elementares, sem ideias evolucionistas e outros vícios que tanto afectam as nossas crianças!

O nosso sonho tornar-se-á realidade, estamos

certos, pois temos o Senhor do nosso lado. Oremos pela educação das nossas crianças, pois uma grande messe para os celeiros celestiais poderá vir a surgir. Que o Senhor abençoe a nossa escola, e todas as Escolas Adventistas no mundo inteiro!

CIPRIANO BAPTISTA

Presidente do Conselho Directivo da Escola Adventista de Setúbal.

Externato Adventista de Santarém

ALBERTO NUNES

O desejo de servir a causa educacional em Portugal e a oportunidade de ser úteis foram os estímulos que levaram a Igreja Adventista do Sétimo Dia a estender o seu sistema educativo à cidade de Santarém, através do ensino primário e tempos livres, no próximo ano lectivo de 1986/87.

A ideia da Escola surgiu aquando da construção da Igreja, recentemente inaugurada, tendo como motivação a pena inspirada em *Testimonies*, vol. 6, pág. 109: «A sala de aula é tão necessária como o edifício para a Igreja,» e «de todas as instituições de nosso mundo a escola é a mais importante.» Planeámos logo salas amplas, aiosas e funcionais, pelo que, dentro da conjuntura actual, emprestaremos o nosso modesto contributo numa cidade onde apareceremos como única escola primária particular.

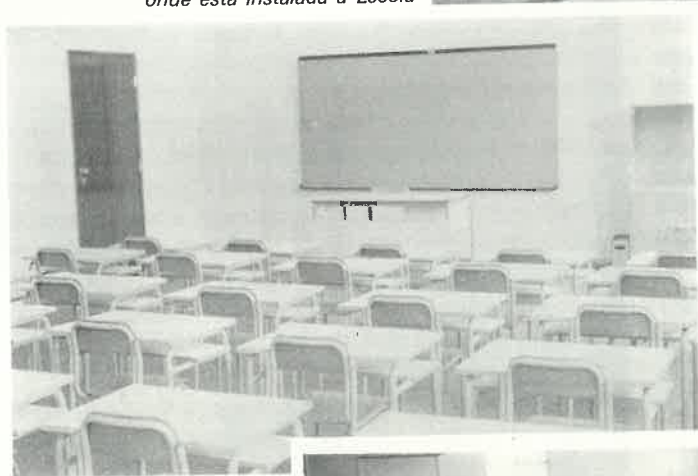
Damos graças a Deus por esta oportunidade, vislumbrando pela fé o quanto poderemos fazer pelas crianças da Igreja ou outras que nos venham a ser confiadas.

Rogamos a bênção de Deus sobre o começo da educação cristã adventista na cidade de Santarém

ALBERTO NUNES

Pastor da Igreja de Santarém

Edifício da Igreja de Santarém onde está instalada a Escola



Aspecto do interior de uma sala de aula



Grupo de alunos da Escola



Aula em funcionamento



Cinco anos de mudanças na Educação Adventista

CHARLES R. TAYLOR

Este relatório partilha com os nossos membros a perspectiva global da nossa tarefa educacional, segundo a compreendemos no nosso escritório central. A nossa característica internacional prova-se pela presença de dirigentes da obra educativa nas diferentes divisões do mundo, as quais, sem excepção, nasceram nos territórios em que trabalham ou pertencem a famílias provenientes dessa mesma região.

Os últimos anos mostram grande aumento no número de matrículas nas nossas escolas. Temos actualmente 677 883 alunos em todos os níveis de ensino. Este número revela um aumento de 300 000 alunos nos últimos sete anos e representa um grande investimento no sentido de proporcionar as instalações e os professores necessários. Em todas as regiões do mundo, temos estabelecido ou estamos estabelecendo

universidades e colégios, como Hiroshima Saniku Gakuin (Japão), Universidade Adventista da África Central (Ruanda), Instituto Adventista do Sul da Argentina, e Colégio Adventista do Pacífico (Papua, Nova Guiné).

Várias destas instituições foram reconhecidas nos seus países através de estatutos oficiais: Universidade Adventista Dominicana (República Dominicana), Universidade da União Incaica (Perú), Colégio Adventista do Pacífico (Papua, Nova Guiné). A Faculdade Adventista do Collonges encontra-se presentemente filiada na Universidade de Estrasburgo, com reconhecimento pelo Estado Francês.

Na América do Sul, o Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT) formou no ano passado (1984/85) o seu primeiro grupo de teologandos a nível de mestrado. E a Divisão Inter-Americana está fazendo planos para estabelecer a sua própria universidade, semelhante à SALT, mas abrangendo áreas de Educação e Saúde Pública, com reconheci-

mento oficial nos Estados Unidos da América do Norte. Seria uma instituição com base na Florida e congregaria os programas de Mayaguez, Mandeville e Montemorelos.

O programa de aval e acreditação denominacional continua em curso a nível mundial, o que é para nós motivo de grande satisfação. Em divisões fora da América do Norte, em 1975, somente cinco instituições receberam aval; em 1980, 18; em 1984, 33.

O Colégio Adventista do Pacífico, a única instituição privada em Papua, Nova Guiné, é um tributo prestado a um antigo aluno da Escola de Avondale, Geoff Gibson. Embora ele nunca tivesse recebido um chamado para trabalhar nas missões, como desejava, desenvolveu um excelente trabalho, ao mais alto nível, na administração educacional do Governo. Tal como José, foi usado por Deus para preparar o caminho para o seu povo.

Os diferentes contextos nacionais e internacionais reflectem certas tendências. Na América do

CHARLES R. TAYLOR

Director do Departamento de Educação da Conferência Geral.

Norte, o aumento de populações urbanas adventistas criou vários externatos; na América do Sul, o objectivo é estabelecer colégios com internato em cada associação/missão; e noutros países, a situação política apenas permite que os pastores ou capelães proporcionem instrução bíblica aos jovens que são obrigados a frequentar as escolas públicas.

Várias necessidades se fazem sentir com premência. Está em curso a remodelação de Bugema, Uganda, onde haverá um programa de quatro anos de Teologia e, dado o rápido crescimento da União Sul da África do Sul, constitui grande necessidade o estabelecimento de um colégio para os últimos anos de escolaridade, além da ampliação das escolas de Baraton, Mudende, Accra e Solusi.

A América do Sul está neste momento empenhada num vasto programa de construção de escolas. O alvo, como se disse é um colégio com internato por cada associação ou missão. O número de estudantes-colportores na América do Sul é de 2 700. Este é um programa da Igreja que permite aos futuros obreiros trabalharem e custearem os seus estudos. Na Inter-América, onde há cinco uniões

com mais de 100 000 membros, a criação de novas escolas primárias e liceais ultrapassou a capacidade da divisão que nem sequer conseguiu fazer o cômputo exacto das mesmas. Doze destas novas escolas foram acrescentadas ao nosso relatório já depois de o mesmo ter sido publicado!

Do outro lado do Pacífico, fica a Divisão do Extremo-Oriente onde, na Coreia, possuímos o maior colégio secundário. É a Academia Sam Yuk de Seul, que tem 1 100 estudantes, 91% dos quais Adventistas do Sétimo Dia. O colégio da União, Korean Sahm Yook University, tem 1 909 estudantes, ultrapassando todas as outras universidades com excepção de Loma Linda e Andrews. Em Julho de 1985, foi inaugurada a sua nova biblioteca com capacidade para 1 000 leitores sentados e espaço para 350 000 volumes. Esta instituição alberga a nossa única faculdade de farmácia. Através do Extremo-Oriente, as nossas escolas a nível universitário ou pré-universitário têm a parte do leão no que respeita a matrículas. Aliás, isso proporciona a Igreja um meio extraordinário de alcançar populações não cristãs.

A Divisão Sul-Asiática está empenhada em organizar escolas missionárias em grande escala. Isso ajudará a dar trabalho aos estudantes formados pelo Colégio Spice, da Índia, em vez de os ver emigrar para fora do país. Só na União Sul-Indiana, há 62 000 estudantes matriculados em escolas adventistas, e desses apenas 10% são adventistas. A escola de Madurai, com 3 000 alunos, é a maior escola adventista primária em todo o mundo.

A Australásia está organizando formalmente a maneira de ministrar ensino religioso aos seus 900 alunos adventistas, que estudam em escolas não adventistas de nível superior. A Igreja opera um programa similar na África Oriental, na América Latina, na Europa, e noutras partes do mundo. Nos campos da Divisão Euro-Africana são os pastores ou leigos qualifica-

dos que se encarregam destas classes de instrução religiosa.

Na Polónia, Divisão Norte-Europeia, vive-se uma situação educacional única. Os estudantes que se preparam para o ministério vivem lado a lado com futuros dirigentes de outras denominações, no seu país, pois os nossos teologandos, instruídos por um professor adventista, recebem a sua formação num Seminário Protestante, operado pelo Governo, e onde estudam todos os que se interessam por estas matérias.

Não podemos fechar os olhos aos desafios que se nos colocam: crianças que vão à escola no dia de Sábado, enquanto os pais vão à igreja, crianças adventistas cujas escolas denominacionais foram expropriadas pelos Governos, droga e álcool que estão penetrando mesmo em lares e instituições adventistas, lavagens cerebrais a que os jovens estão sujeitos por falta de professores adventistas com a formação adequada ou para quem se torna difícil optar pela Denominação face à limitada escala salarial oferecida, pelo que muitas vezes se é obrigado a recorrer a professores não adventistas. E, como se isto não bastasse, os elevados custos educacionais obrigam a precários equilíbrios financeiros tanto por parte das famílias como por parte das instituições. Além disso, hoje, é cada vez mais difícil manter uma diferença entre o que é sagrado e o que é profano, porque uma crescente maré de mundanismo e impiedade está subtilmente minando a nossa fé na Bíblia e no Espírito de Profecia, através da acção de «s sofisticados intelectuais», cuja posição perante o universo não produz a humildade que caracteriza as verdadeiras grandes mentes.

A reorganização do Departamento de Educação a nível da Conferência Geral prossegue em boa marcha. Esperamos que o próximo quinquénio — 1985-1990 — nos traga mais variedade e mais qualidade na colaboração prestada pelos que estão ao serviço da Educação Cristã.

OPERAÇÃO INTERCESSÃO

2.º Trimestre de 1986

* COLHEITA 90

* A Obra na Áustria

a) População:	7.551.000
b) Igrejas:	41
c) Membros:	2.750

* Trabalho dos Colportores Evangelistas, com especial relevo na obra de ganhar novos colaboradores

** Campanhas de Evangelização regionais:

Guarda, Viana do Castelo,
Rio Maior